



**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
GRADUAÇÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MATHEUS OLIVEIRA MUNIZ

**O TERRORISMO FUNDAMENTALISTA ISLÂMICO COMO A AMEÇA DO
SISTEMA INTERNACIONAL**

Recife

2014

MATHEUS OLIVEIRA MUNIZ

**O TERRORISMO FUNDAMENTALISTA ISLÂMICO COMO A AMEÇA DO
SISTEMA INTERNACIONAL**

Trabalho conclusivo de curso de
Bacharelado em Relações Internacionais na
Faculdade Damas da Instrução Cristã,
orientado pelo Prof. Antônio Henrique
Lucena.

Recife

2014

Muniz, Matheus Oliveira

**O terrorismo fundamentalista islâmico como ameaça do sistema internacional.
/ Matheus Oliveira Muniz. – Recife: O Autor, 2014.**

63 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Henrique Lucena Silva.

**Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução Cristã.
Trabalho de conclusão de curso, 2014.**

Inclui bibliografia.

1. Relações Internacionais. 2. Terrorismo . 3. Fundamentalismo. 4. Estado Islâmico. 5. Construtivismo. I. Título.

**327 CDU (2.ed.)
327 CDD (22.ed.)**

**Faculdade Damas
TCC 2016-473**

MATHEUS OLIVEIRA MUNIZ

**O TERRORISMO FUNDAMENTALISTA ISLÂMICO COMO A AMEÇA DO
SISTEMA INTERNACIONAL**

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: ____/____/____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador: Antonio Henrique Lucena Silva
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Pedro Gustavo Cavalcanti Soares
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof.: Gustavo de Andrade Rocha
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
AGRADECIMENTOS.....	7
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	11
1.1 - Construção do conceito de Terrorismo	12
1.2 - As Relações Internacionais e o Terrorismo	17
1.3 - Ameaça assimétrica	23
CAPÍTULO 2	26
2.1 - As quatro ondas do terrorismo moderno	26
2.2 – Qutbismo	42
2.3 - Califado Islâmico	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

RESUMO

A crescente ameaça do terrorismo vem transformando a agenda internacional e a interdependência entre os Estados no mundo globalizado pós Guerra Fria. Analisando historiograficamente o comportamento e as motivações dos grupos terroristas, pode-se constatar que o terrorismo não é um fenômeno novo nas Relações Internacionais, mas já vem sendo constatado desde a época da Segunda Revolução Industrial no fim do século XIX. Ao longo dos anos e com as mudanças na geopolítica de diversas regiões do globo, sobretudo proveniente das Grandes Guerras, o terrorismo e os seus adeptos dessa prática, foram modificando suas ideologias e suas formas de ação em um processo de ondas até o formato que deparamos na atualidade. O terrorismo fundamentalista islâmico, tornou-se nesse novo século uma exponente ameaça a todo o ornamento de nações do sistema internacional, pois ao longo de toda a década de 2010, diversos ataques foram perpetrados pelos grupos que seguiam essa ideologia. Por não comporem um nível organizacional de uma instituição, esses grupos dotam de baixa previsibilidade o que deixou diversos países como EUA, Reino Unido, Espanha e Indonésia, por exemplo, vulneráveis aos atentados planejados. Dentro desse espectro, a al-Qa'ida se destacou como uma organização com um nível jamais visto dentre os outros grupos que surgiram, chegando ao ponto de ameaçar Estados formados e engajar em guerra contra eles. No entanto, o enfraquecimento do grupo nos últimos anos, fez com que a criação de uma nova organização, mais coesa e estruturada, pudesse seguir com a ideologia fundamentalista e dar continuidade a *jihad*. Foi nesse cenário que surge o Estado Islâmico e que hoje é o ator não estatal mais desafiador do sistema internacional e da segurança das nações. Através de uma profunda análise histórica embasada na teoria construtivista e explicando os ensinamentos de Qutb e seu legado para os grupos terroristas, será destrinchado toda a construção do levante terrorista e como ele se tornou ameaçador para o equilíbrio global.

Palavras-chave: Terrorismo, Construtivismo, Al-Qa'ida, Estado Islâmico, Fundamentalismo.

ABSTRACT

The growing threat of terrorism has been transforming the international agenda and the interdependence among the States in the globalized post Cold War world. Analyzing historiographically the behavior and motivations of the terrorist groups, it can be found that terrorism is not a new phenomenon within International Relations, but it has been happening since the Second Industrial Revolution by the end of the XIX century. Throughout the years and with the geopolitical changes within many regions in the globe, especially from the World Wars, terrorism and the supporters of this practice, have been modifying their ideologies and ways of action in a process of waves, until the current scenario. The Islamic fundamentalist terrorism, has become in this new century the exponential threat to all the members of nations of the international system, because over the 2010 decade, many attacks were perpetrated by the groups which follow this ideology. By not having a high organizational level such as an institution, these groups endow low predictability what made many countries like the USA, UK, Spain and Indonesia, for example, vulnerable to planned attacks. Inside this spectrum, al-Qa'ida has gained highlight as an organization with a level never seen before among the other groups that emerged, to the point to threaten sovereign States to engage in war. Nevertheless, the impairment of the group in the last half decade, made possible the creation of a new organization possible, more cohesive and structured, which could follow the fundamentalist ideology and give continuity to the *jihad*. It was in this scenario that the Islamic State came up and in this day and age is the most challenging non-state actor within the international system and to the security of the nations. Through a deep historical analysis grounded in the Constructivist theory and explaining the thoughts of Sayyid Qutb and his legacy to the terrorist groups ideology, all the construction of the modern terrorism will be explained specially why it is so threatening to the global balance.

Key words: Terrorism, Constructivism, Al-Qa'ida, Islamic State, Fundamentalism.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, à minha família por todo apoio durante os meus anos na faculdade e ao meu orientador Prof. Antonio Lucena por todo o suporte ao longo da preparação e desenvolvimento desta monografia.

“De acordo com a primeira imagem das relações Internacionais, o lócus das causas importantes das guerras é encontrado na natureza e no comportamento do homem. Guerras são resultados de egoísmo, de impulsos agressivos mal orientados, de estupidez.”

Kenneth Waltz

INTRODUÇÃO

O tema terrorismo transformou-se numa constante na sociedade atual. Estima-se que 80% de todos os atos terroristas concentram-se em 5 países, segundo dados do *Global Terrorism Index* de 2014 (no entanto o índice compila dados obtidos no ano anterior, 2013) realizado pelo *Institute for Economics & Peace* sediado em Sydney na Austrália. Apesar da concentração em um número pequeno de países visto o ornamento internacional vigente no qual 193 Estados fazem parte das Organizações das Nações Unidas, os grupos terroristas transformaram-se paulatinamente em uma real ameaça para todo o cenário internacional, uma vez que 24 países presenciaram ataques em seus territórios com 50 ou mais casualidades.

Com o advento das telecomunicações e a transmissão instantânea de informações, o terrorismo se transformou num tema cotidiano nos veículos de comunicação, principalmente no início do século XXI. Durante esse período, cada vez mais ataques e mais grupos eram formados e transformados, aumentando o estado de alerta da comunidade internacional e colocando a prova os aparatos de segurança dos países.

Apesar de se tornar popular em um período recente, o terrorismo já se mostrou presente nas Relações Internacionais desde a época medieval até o período moderno da história da humanidade. Em suas diversas facetas, os terroristas e as organizações que foram fundadas, acompanharam os avanços tecnológicos, políticos e sociais e cambiando de tempos em tempos.

A partir dessas premissas, questionamos quais as características que compõem o terrorismo moderno? Como ocorreu a construção da vertente religiosa do terrorismo?

O terrorismo que presenciamos atualmente mostra-se mais organizado e consistente que os já observados anteriormente num recorte histórico desde a Segunda Revolução Industrial. Esse nível de organização conquistado se deu por diversos fatores, sobretudo o alto grau de impacto que as ações dos grupos perpetrados ao longo dos anos.

Ao longo do trabalho a ser apresentado a seguir, serão abordados os temas pertinentes acerca da construção do terrorismo ao longo dentro do recorte histórico supracitado. Utilizando de análises historiográficas associadas às Teorias das Relações Internacionais o tema será destrinchado até o cenário observando na atualidade.

No primeiro capítulo, o enfoque acadêmico do tema será explicado demonstrando a dificuldade encontrada entre os teóricos para um consenso na definição do terrorismo, as explicações das Teorias das Relações Internacionais sobre o tema com aporte do Construtivismo e a relação assimétrica que os Estados se deparam com a ameaça terrorista.

No capítulo seguinte, serão demonstradas as quatro ondas do terrorismo moderno de Rapoport elucidadas com embasamentos históricos ao longo dos períodos analisados, bem como a relação da filosofia Qutbista e o advento dos grupos terroristas religiosos, foco principal deste trabalho. Este último cenário se dá durante a quarta onda elaborada por Rapoport e tem como manifestação empírica a criação do grupo intitulado por Estado Islâmico que se tornou o exemplo do terrorismo como oponente dos Estados modernos.

CAPÍTULO 1

O tema terrorismo tornou-se evidente nas Relações Internacionais após o fatídico ataque ocorrido na manhã de 11 de Setembro no nordeste dos Estados Unidos, onde 19 sequestradores interceptaram quatro aviões comerciais e lançaram ataques coordenados jamais vistos antes na história da humanidade. A nova ameaça que se fazia evidente para os demais Estados do Sistema Internacional, começava a demonstrar a força que detinha.

A partir desse marco histórico, a academia começou a intensivamente pesquisar e elaborar questionamentos acerca do Terrorismo. Diferente daquele que assombrou os franceses nos tempos de Robespierre, essa nova modalidade se apresentava mais coordenada e executada por entes não estatais, com baixa previsibilidade e dotados de complexidade peculiar. Essa nova face do terrorismo, que iniciou no fim dos anos 70, com a Revolução Iraniana, foi crescendo nos anos seguintes e atingindo o seu ápice nos atentados de 11 de Setembro como supracitado.

As Relações Internacionais não dispunham de uma teoria sucinta sobre o tema, muito menos um corpo organizacional dedicado a estudar tal assunto. A medida que o mesmo ia ganhando notoriedade na mídia e nas questões de segurança, em meados dos anos 80, uma vertente de análises começava a surgir. No entanto, até os dias atuais a academia não entrou em consenso na definição do termo. Existem hoje milhares de definições aceitas para tipificar ações como terrorismo. (SCHMID, 2012)

Mesmo sendo geralmente aceito por terrorismo o uso da violência para buscar fins políticos, definir a palavra torna-se difícil e amplo quando se tenta converter o escopo. Para se iniciar um estudo científico sistemático e bem elaborado, faz-se necessário terem-se as palavras-chaves que formarão o tema de estudo, bem como a definição coerente dessas palavras. Com o Terrorismo, essa linha de pensamento não é seguida à risca graças ao célebre questionamento: *“One man's terrorist is another man's freedom fighter”* (O terrorista para um é um libertário para outro), frase cunhada por Gerald Seymour em seu romance “O Jogo de Harry” sobre um membro do gabinete do primeiro ministro britânico que seria assassinado por um membro do IRA (Exército republicano irlandês)

(SEYMOUR, 1975). O livro introduziu a frase que ganhou notoriedade na década de 80 sendo utilizada como referência por diversos grupos atuantes no Médio Oriente, sobretudo na Palestina.

Para Brian Jenkins um ato terrorista pode ser comparado à uma peça de teatro. (JENKINS, 1980). As pessoas podem estar assistindo à ação por diferentes perspectivas incluindo aqueles que estão no palco. No entanto a mensagem principal é para aqueles que estão na plateia ao invés daqueles que os atores estão interagindo.

Para exemplificar sobre a dificuldade de definir terrorismo foi constatado num estudo conduzido por Alex P. Schmid 260 definições possíveis para a palavra terrorismo, aplicadas em diversos cenários políticos (SCHMID, 2012). Com esse exemplo, fica demonstrado o quão complexa é a definição do conceito de terrorismo e a sua importância para o estudo nas Relações Internacionais.

Para melhor compreensão neste trabalho, usaremos o conceito exposto por Craig Steple no compêndio *Terrorism: Unanswered Questions*. Para Steple o Terrorismo pode ser definido como “a ameaça ou o uso da violência em populações não combatentes ou propriedades com o objetivo expresso de criar ou explorar medo em um público maior por motivos políticos ou ideológicos” (STEPLE, 2010).

Faz-se necessário tomar como norte uma dentre as milhares de definições presentes atualmente, para compactar e não deixar o trabalho muito abrangente, apenas observando e analisando historiograficamente os acontecimentos e os cenários que se configuram a partir do conceito proposto por Steple.

1.1 - Construção do conceito de Terrorismo

A despeito da simplicidade da definição exposta acima, foi imprescindível uma extensa pesquisa, em sua maioria composta por estatísticas, para se chegar até um ponto comum na explicação do terrorismo. Os conceitos de uso da violência, alvos, exploração do medo e ideologia foram destrinchados para a melhor compreensão do tema de forma mais restrita.

O uso da violência torna-se o primeiro conceito básico para a identificação do terrorismo, já que a violência *per se* é manifestada de diversas formas nas diversas sociedades que compõem o cenário global atual. O terrorismo requer o quesito político no uso da violência mesmo estando à parte da própria violência política que ocorre de forma diferente no que concerne aos alvos e a exploração do medo na sociedade. Pode-se usar o exemplo proposto por Steple para demonstrar a importância desse conceito na construção da definição de terrorismo:

Uma ameaça de bomba, que é feita para criar medo em não combatentes para razões políticas, não necessita ser detonada para o ato ser considerado terrorista. Na mesma linha, o ato violento inicial não precisa ser bem-sucedido para o objetivo estratégico a ser realizado e que um terrorismo tenha ocorrido. Em outras palavras, se os aviões do 11 de setembro tivessem todos caído em campos da Pensilvânia, como ocorreu com o Boeing 757 da United Airlines, os atos teriam sido bem sucedidos devido à ameaça que sequestros posou para a segurança dos Estados Unidos, bem como a segurança do sistema de transporte aviário deste país. (STEPLÉ, 2010, p. 17)

Em seguida, visualizamos a escolha dos alvos como necessária conceptualização na definição de terrorismo. Como já mencionado previamente, os atos que visam às populações civis, ou não combatentes, bem como propriedades (privadas ou públicas) são incluídos na esfera de possíveis alvos num ato terrorista. Tendo isso em mente, para se caracterizar como tal, os perpetradores visam à população civil para gerar um efeito em cascata, espalhando o medo entre toda a sociedade. Assim, formam-se dois tipos de alvos distintos: aqueles que foram vítimas diretas do atentado e os que se tornaram vítimas psicológicas do atentado.

Há também uma vertente a ser explorada que seria o terrorismo de Estado, ou a ameaça assimétrica empregada por um ator estatal em uma determinada população. Analisando historiograficamente, existem diversos casos nos quais o próprio Estado utilizou de práticas terroristas com a finalidade de causar medo a uma determinada camada da população civil e coagi-los aos seus interesses. Podemos citar dois exemplos

históricos pertinentes: os constantes ataques à população agrária soviética durante o comando de Joseph Stalin, conhecido como o Terror Vermelho que matou cerca de 150 mil pessoas em (MELGUNOV, 1975) e o Reino do Terror que seguiu imediatamente depois da Revolução Francesa encabeçado pelo líder jacobino Maximilien de Robespierre (GREER, 1935). Ambos exemplos, demonstram que o terrorismo assimétrico passa a ser uma tática política de Estado, na medida em que se faz necessário a contensão de populações, geralmente acontecendo em regimes ditatoriais. No entanto, o terrorismo não estatal, objeto desse trabalho, em alguns casos se mostrou como resposta à opressão emanada pela alta hierarquia dentro de um sistema político específico.

Todavia, tais práticas estatais possuíam a legalidade que carece aos grupos e organizações terroristas em seus atos. Para explicar a questão da legalidade estatal, questiona-se se ela é legítima. A legitimidade das ações de Estado ganhou relevância nos estudos do sociólogo alemão Max Weber. O esforço empreendido por Weber para analisar legitimidade deve ser entendido como a busca pra responder a tradicional questão de "qual a última razão pela qual, em toda a sociedade estável e organizada, há governantes e governados; e a relação entre uns e outros se estabelece como uma relação entre o direito, por parte dos primeiros, de comandar, e o dever, por partes dos segundos de obedecer" (BOBBIO, 2000). O conceito de legitimidade de Weber teria a função de diferenciar os tipos puros de dominação. Sob esta lógica, este conceitua tal termo como "a probabilidade (de uma dominação) ser tratada praticamente como tal e mantida em proporção importante" (WEBER, 1925).

Ainda segundo Weber haveria três possíveis fundamentos para a legitimidade da dominação política: crença na tradição, fundamento carismático e fundamento racional baseado na legalidade. O último seria o que justificaria a dominação do direito nas sociedades jurídicas modernas. (WEBER, 1925)

Seguindo o raciocínio de criação da definição usada por este trabalho, conceituaremos o terceiro ponto chave: o uso e a exploração do medo. Para explicar melhor esse ponto, utilizaremos conceitos da Psicologia para melhor abordagem.

Terrorismo e violência política podem ser facilmente confundidos, pois ambos são conduzidos por grupos com ambições políticas ou ideológicas. A distinção se dá pelos métodos empregados pelos perpetradores (STEPLE, 2010), sendo assim a abrangência

dos atos realizados por estes grupos são difusas. As dificuldades inerentes à atribuição de motivo para atores foram explicadas por Fowler:

Uma das principais dificuldades na criação de uma definição operacional rigorosa e consistente de atos terroristas é a necessidade de atribuir certos motivos para atos violentos. O que distingue um atentado político a partir de um bombardeio por, digamos, alguém que é simplesmente um criminoso insano é a motivação do bombardeiro. (FOWLER, 1981, p.12)

Para atingir a sua finalidade de exploração do medo nas massas, os terroristas tentam passar uma imagem de crueldade, empatia e extrema violência para causar choque e comoção nos observadores. Podemos citar os exemplos dos vídeos liberados através da internet durante o início da invasão ao Iraque pela coalizão encabeçada pelos Estados Unidos meses após o 11/9 no início da Guerra ao Terror. Nesses vídeos, diversos ocidentais que foram ao país para a sua reconstrução, foram sequestrados e decapitados em cenas que causaram perturbação e grande comoção na comunidade ocidental. Esse tipo de prática é a que os terroristas procuram em seus atos.

No cenário globalizado e com o expoente desenvolvimento das telecomunicações, o terrorismo mostrou uma faceta até então não amplamente explorada: o terrorismo de espetáculo. A extravagância na condução dos ataques evidencia que não só causar vítimas e gerar medo sejam os principais objetivos dos grupos terroristas, mas causar um impacto similar à de um espetáculo, com uma reação diferenciada da plateia, que na conjuntura atual, trata-se de todo o mundo moderno. Os ataques de 11/9 demonstram essa tentativa desses grupos. As cenas transmitidas ao vivo em todo o mundo, mais pareciam um filme de Hollywood que um evento plausível de acontecer na vida real. Os ataques em Nova York até hoje são considerados os eventos mais documentados na história da humanidade (KELLNER, 2003).

As vítimas dos atos terroristas são divididas em duas, como explicado anteriormente. Nesse espectro, o grau de medo experimentado pelas segundas vítimas (aqueles indiretamente afetados pelo ato) dependerá do grau de proximidade com a primeira, podendo variar consideravelmente entre o medo propriamente dito ao

desespero. Bruce Hoffman, em seu trabalho *Inside Terrorism*, exemplifica isso: “Podemos [...] definir o terrorismo como a premeditada criação e exploração do medo por meio da violência ou da ameaça de violência em busca de mudança política. [...] Tem o propósito de gerar medo, e portanto intimidar, um público-alvo considerável” (HOFFMANN, 2006).

Há também um segundo aspecto a ser observado na questão da exploração do medo pelos terroristas. Em muitos casos, o luto e o medo dão lugar ao sentimento de indignação que inspira a retaliação, tal retaliação sendo justa no que diz respeito à legitimidade do ato. Parece um paradoxo, mas é amplamente aceito no sistema internacional que os Estados tenham permissão de contra atacar no momento em que são vítimas de organizações terroristas.

Por fim, analisamos o último conceito, talvez o mais importante para a criação da definição de terrorismo: ideologia. No compêndio *Terrorism's Unanswered Questions*, Steple afirma que a dificuldade em qualificar determinado ato por terrorismo se dá, justamente pela motivação ideológica que tal ato foi empregado (STEPLE, 2010). A motivação ideológica é a força motriz necessária para classificar determinado atentado como terrorista e distingui-lo de uma ação criminosa ordinária. Um bom exemplo para explicar a assertiva de Steple foi o caso do Massacre de Aurora em 2012, onde James Holmes entrou numa sala de cinema munido de um rifle e abriu fogo contra a plateia causando a morte de 12 pessoas e ferindo outras 70 (BROWN, 2012). A priori, a mídia classificou como um ato terrorista, até porque não se sabiam os motivos reais do atirador em questão. O FBI apressou-se em comunicar ao público que iniciou as investigações para descobrir a motivação do crime e concluiu que o evento não tem relação com terrorismo (HORWITZ, 2012). No entanto, o medo gerado pelos ataques de 11/9 gerou esse estado de alerta perpétuo dentro da sociedade americana, onde todos são incumbidos de vigiar pelo bem comum.

Esse sentimento ganhou respaldo com o *Patriot Act* emitido meses após os atentados de 11/9 que, resumidamente, torna legítima a vigilância de suspeitos de atividades terroristas sem necessidade de mandado judicial, suprimindo, ou reduzindo, garantias constitucionais da população estadunidense (PATRIOT ACT, 2001).

A ideologia dos grupos terroristas é bastante variada, sendo os motivados por princípios religiosos uma onda recente no foco ideológico dos grupos. A escalada

terrorista iniciada no fim do século XIX tomava como ideologia principal as insatisfações políticas que dominava o cenário global até meados da Segunda Grande Guerra e a criação de Israel que deu início ao terrorismo mais moderno, similar com o que vemos nos dias atuais de forma rotineira. Somente após a Revolução Iraniana que as ideologias fundamentalistas, sobretudo islâmicas fizeram parte do cerne das organizações que adotavam terrorismo como premissa para alteração de *status quo*. (RAPOPORT, 2004)

Essas quatro premissas para a criação da definição de terrorismo são intrínsecas e necessitam estar combinadas para poder identificar fielmente determinada ação como terrorista. Claro que há exceções à regra, já que a conjuntura do momento pode modificar a análise e a natureza do fato. Contudo, para o norte deste trabalho, seguiremos com essa base definidora para a análise mais ampla de como esses atores não estatais se transformaram nos verdadeiros inimigos dos Estados e fazem parte da agenda internacional diariamente.

1.2 - As Relações Internacionais e o Terrorismo

A criação de teorias para explicar o fenômeno terrorismo vem sendo bastante debatido na academia nos últimos anos, principalmente após os ataques de 11/9. No entanto, faz-se necessária uma análise multidisciplinar para traçar as bases acadêmicas relevantes para a explicação desse objeto de estudo, envolvendo disciplinas como: relações internacionais, psicologia, criminologia, história, ciência política, direito, sociologia dentre muitas outras. Por ser multifacetado o estudo requer uma extensa análise de dados para se poder visualizar as motivações e combinar as premissas expostas acima afim de criação de uma teoria válida para explicação do fenômeno. Para esse trabalho, os sete requerimentos teóricos expostos por Earl Conteh-Morgan (CONTEH-MORGAN, 2004), doutor em relações internacionais de Serra Leoa com diversos estudos voltados à política externa estadunidense, inclusive como consultor do próprio governo, serão utilizados como base:

- 1 - Deve ser abrangente ou aplicável a várias situações, e deve incluir variáveis relevantes.
- 2 - Deve ser coesa, com todos os seus segmentos fortemente ligados umas às outras com as variáveis idênticas nas suas vias separadas.

- 3 - Deve ser empírica e aplicável a situações concretas.
- 4 - Como resultado do terceiro requisito, uma teoria deve ter a maior validade ou empírica evidência para apoiá-lo ou aumentar seu poder explicativo.
- 5 - Deve ser parcimoniosa, ou ser capaz de explicar o problema ou evento com o mínimo de complexidade quanto possível.
- 6 - Deve ser aberto para verificação.
- 7 - Finalmente, deve ser clara e causal na relação entre e entre as variáveis, e em termos de considerar e ligando unidades ou fatores em vários níveis de análise.

Segundo Alex Schmid nem todas as teorias políticas atendem aos sete requisitos expostos acima (SCHMID, 2012), mas é de extrema importância que boa parte das teorias englobem tais pressupostos para serem melhor aproveitadas. Na ótica do terrorismo, os casos são bastante *sui generis* dificultando a criação de uma hipótese concreta que seja válida para os diversos atos recorrentes no cenário global. Boa parte da teorização sobre terrorismo aborda apenas um tipo de terrorismo, muitas vezes sem o teórico estar plenamente consciente desse fato.

Iniciamos nossa análise com as principais e clássicas teorias das relações internacionais e como há uma negligência na real importância do terrorismo na agenda internacional. Realismo, Liberalismo e Construtivismo, são as três bases teóricas mais estudadas e aceitas pela academia, sendo fontes concretas de ideias e pressupostos para a explicação das ações tomadas no sistema internacional.

O realismo nas relações internacionais é uma das escolas teóricas clássicas mais amplamente aceitas na academia com expoentes como Hans Morgenthau, Kenneth Waltz e John Mersheimer que de uma forma geral operacionalizava o campo teórico sob cinco preceitos gerais sobre o sistema internacional. Em primeiro lugar, que o sistema é anárquico, em segundo lugar, que as capacidades dos estados podem ser (e muitas vezes são) utilizadas para fins militares ofensivas, em terceiro, as intenções dos outros estados nunca são conhecidos com certeza, em quarto, que a linha de interesse estatal é a sobrevivência e, finalmente, que os Estados são atores racionais (MERSHEIMER, 2001). Com isso, para os realistas, atores não estatais não seriam capazes de alterar a balança de poder e não deveriam estar presentes na agenda de política exterior dos Estados.

Com isso, esse contingente teórico não se aplica às questões de segurança impostas pelo objeto de estudo deste trabalho, por este ser propagado principalmente por atores não estatais. Todavia, os pressupostos acadêmicos emanados pela escola realista foram o objeto da crítica para a teoria que analisaremos mais a frente. No que diz respeito à questão de seguridade, os realistas afirmavam que como cada Estado tem o desejo de se manter soberano e este desejo estava interligado com as necessidades humanas de sobrevivências, os autores defendiam que cabia ao Estado defender seus ideais a fim de perpetuar a sua existência como entidade política no cenário internacional. Em linhas gerais, os realistas clássicos afirmavam que as relações internacionais eram diabólicas onde coisas ruins aconteciam porque àqueles que faziam a agenda eram maus (SPIRTAS, 1996).

Em contrapartida à ideia realista, os liberais, consideram atores não estatais como parte do ornamento internacional e assim, atuantes dentro do cenário de Estados, como por exemplo: empresas multinacionais, órgãos estatais entre outros atores com independência tal que podem alterar o sistema de Estados. No entanto, o liberalismo não possui explicações sobre o levante terrorista de fato, limitando suas análises às questões econômicas e sociais presentes nas relações internacionais. Para os liberais, como Moravcsik, o desenvolvimento econômico das nações, faria com que elas preferissem a paz ao conflito armado. De acordo com o próprio, em seu livro *Liberal International Relations Theory: A Social Scientific Assessment* “comércio é geralmente o meio menos custoso de acumular poder do que a guerra, sanções ou outros meios coercitivos” (MORAVCSIK, 2001)

Já a vertente mais moderna do liberalismo, os neoliberais, liderados por Keohane, concentraram-se em explicar o papel das instituições em mitigar os conflitos existentes. Apesar dessas instituições não cessarem o ambiente anárquico que se propaga no cenário internacional, elas seriam de fundamental importância para que a cooperação e a diplomacia se fizessem presentes na resolução de disputas e litígios e na tentativa de não utilização de armas nesse tipo de situação. Todavia, as questões que dizem respeito ao terrorismo não são analisadas por essa escola acadêmica.

Sob essa ótica, dentre as principais teorias das relações internacionais amplamente aceitas pela academia, utilizaremos o construtivismo como pressuposto teórico, por se tratar de uma escola que abrange as análises sociais na construção das ideais como um

todo. O construtivismo emergiu nas relações internacionais com a falha de previsão das teorias tradicionais, realistas e liberais, do fim da Guerra Fria, abrindo uma lacuna na academia que foi rapidamente suprida, sobretudo com as ideias propostas por Alexander Wendt em seu livro *Anarchy is what States make of it: The Social Construction of Power Politics* publicado em 1992.

De acordo com a acadêmica de estudos de terrorismo e Relações Internacionais da King's College de Londres, Janani Krishnaswamy, utiliza dos pressupostos de Wendt em seu texto "*How does terrorism lend itself to constructivist understanding*", o construtivismo tornou-se primordial fonte de observação e explicação do terrorismo, graças aos pensamentos de Wendt, onde ele afirma no texto:

Construtivismo é frequentemente identificado com o pensamento central de Wendt - "anarquia é o que afirma fazer com ele." Wendt acredita que a anarquia é socialmente construída por estados individuais, com base em suas "identidades" e como eles criam seus próprios dilemas de segurança. Argumentando que Realistas não conseguem explicar por que existem conflitos entre estados, Wendt afirma que a construção de um estado de anarquia é baseada em como ele vê "ele e o outro" através de seus entendimentos culturais compartilhados que "surgem de interações". Enquanto a reivindicação de Wendt principalmente relacionados a interações interestatais, a ideia se estende além da relação entre Estado e atores não estatais. O contra terrorismo leva a compreensão do Wendt das três "culturas de anarquia", que também dependem de como as identidades são definidas. Na verdade, o terrorismo e contraterrorismo é "o que afirma fazer com ele". (KRISHNASWAMY, 2012, p. 3)

Para melhor compreender a proposta construtivista, analisemos a frase previamente expressada neste trabalho: "o terrorista para um é o libertário para outro". Nela, podemos identificar que a definição de um terrorista está baseada em preceitos construídos pelos indivíduos ou pelo Estado, sendo o seu significado variável de acordo com a ótica em que ele é empregado ou analisado. Por ser um fato social, o terrorismo se insere dentro das propostas construtivistas de explicação das relações internacionais.

Ainda no escopo construtivista destacamos a célebre Escola de Copenhague, que concentrou suas análises em questões de seguridade. No que diz respeito à como, através de processos intersubjetivos, a segurança em si tem significado e, em menor extensão, que efeitos políticos essas construções de segurança possuem (McDONALD, 2008). A abordagem dessa escola se desenvolveu no período pós Guerra Fria, onde os regionalismos de poder começavam a emergir dentro do sistema internacional. Durante os primeiros anos da década de 90, a proposta visava em definir como seriam as premissas de segurança que passariam a dominar a agenda dos países numa nova órbita menos estressante que a vivida durante o período de bipolaridade sistêmica. Com isso, os construtivistas expressaram que a securitização deveria ser definida a partir de uma construção a priori do que seria a ameaça. A partir dessa análise, os Estados poderiam criar mecanismos emergenciais para lidar com a situação ou situações de ameaça quando ela fosse entendida como tal. Esse é o início do processo de securitização.

Como base para formação de teorias de relações internacionais, parte do princípio de análises entre atores estatais, a configuração do terrorismo dificulta esse tipo de abordagem por constituir na maioria dos casos de uma organização não estatal, como já mencionado previamente neste capítulo. O dilema teórico concentra-se nessa questão e a abordagem da academia limita-se à compreender e questionar o terrorismo através de atos isolados e não de uma forma macro. Com isso em mente, finalizaremos a análise teórica no contexto do terrorismo com pressupostos da psicologia para a explicação do fenômeno.

Analisando a interpretação dos construtivistas sobre a escalada do terrorismo, visualizamos que o terrorismo se encaixa no quadro construtivista. Afastando-se de uma "ênfase em estados," construtivistas afirmam que o Ocidente reagiu aos atos terroristas baseados apenas no "como os grupos foi socialmente construído por eles." Naturalmente, as suas políticas não se basearam como o resto do mundo percebe esses grupos. (HULSSE & SPENCER, 2008) A abordagem construtivista ao terrorismo irá explorar como o Ocidente construiu as identidades e ações dos grupos e analisar a construção da identidade através de um processo de interação entre o Estado e o não ator estatal.

O construtivismo é uma teoria cultura, explicada por diferentes culturas anárquicas como a hobbesiana, lockeana e kantiana. Todos esses construídos por estados, com base em representações de inimidade, rivalidade e amizade desenvolvidas através

das interações (WENDT, 1999). Os construtivistas acreditam firmemente que o discurso contra o levante terrorista está profundamente inspirado por entendimentos culturais do mundo social, o que explica claramente as diferenças gritantes nas políticas de certos países ocidentais.

Essa escola teórica certamente tem uma vantagem sobre outras abordagens tradicionais. O terrorismo, sendo um "problema social que não pode existir independente das ideias de pessoas envolvidas na mesma", o que remota às interpretações construtivistas. Não incidindo sobre o "dano material" causado pelo terrorismo, que vê-lo a partir de uma perspectiva de "medo". Esta recebe-os para mais perto do problema.

Então, o construtivismo é substancialmente melhor aplicado para compreensão do fenômeno contemporâneo transnacional que é o terrorismo, comparado às teorias positivas mais conservadoras. Diferente do neorealismo e do neoliberalismo, o construtivismo não busca a compreensão dos fatos mediante ações estatais ou até mesmo as leis internacionais que regem muitas das ações no cenário internacional. Ações terroristas, as vezes cunhadas como irracionais, é facilmente entendida em termos das noções lógicas do construtivismo.

Passando da ótica de teoria das Relações Internacionais, embarcamos a análise para os pressupostos da psicologia para a explicação do fenômeno. Ao contrário do que a opinião comum acredita boa parte dos terroristas não compartilham de um estereótipo de homens frustrados com a vida e sem perspectivas que recorrem ao terrorismo como fonte de aceitação. John Horgan, demonstra em seu estudo psicológico sobre os membros de grupos terroristas que para se fazer parte de tal grupo, faz-se necessário que o indivíduo possua características pessoais diferenciadas como: força psicológica, lealdade, obediência e disciplina (HORGAN, 2005). Nem todos, segundo ele, permanecem nos grupos, pois não conseguem conviver com a vida no submundo e acabam desistindo.

Entre os fatores psicológicos-chave na compreensão de saber-se, como e quais os indivíduos em um determinado ambiente vão entrar no processo de tornar-se um terrorista são motivos e vulnerabilidades. Por definição, o motivo é uma emoção, desejo, necessidade fisiológica, ou impulso semelhante que atua como uma incitação à ação, e vulnerabilidade refere-se à suscetibilidade ou responsabilidade a sucumbir, a persuasão ou tentação. Presume-se que muitas vezes a própria motivação para se engajar em terrorismo pode ser a "causa" ou ideologia do grupo. No entanto, como Crenshaw nota,

“a imagem popular do terrorista como um indivíduo motivado exclusivamente por profunda e intransigente compromisso político obscurece uma realidade mais complexa” (CRENSHAW, 1992). Essa realidade é que motiva o ingresso a uma organização terrorista e de se envolver em terrorismo variam consideravelmente de acordo com diferentes tipos de grupos, e também dentro dos grupos - e podem alterar ao longo do tempo.

A transição para se tornar um terrorista raramente é súbita e abrupta. "O que sabemos de terroristas reais sugere que raramente existe uma decisão consciente feita para se tornar um terrorista. A maior participação no terrorismo é resultado de uma exposição gradual e socialização no sentido comportamento extremo" (HORGAN & TAYLOR, 2001). Outros escolares veem isso como um dos poucos pontos gerais do convênio na área de estudos de terrorismo, afirmando que "geralmente terroristas aceitos não se tornem terroristas de um dia para o outro. Eles seguem uma progressão geral de alienação social para tédio, então ocasional dissidência e de protesto antes de, eventualmente, voltarem-se para o terrorismo" (LUCKABAUGH, 1997).

1.3 - Ameaça assimétrica

Para encerramento deste primeiro capítulo, analisaremos a ameaça assimétrica que o terrorismo apresenta no sistema internacional atual. Para isso, definiremos o conceito de assimetria e como esse levante no moderno cenário internacional atinge os Estados e modificam suas agendas na prevenção de casualidades e, sobretudo da latente ameaça terrorista.

A definição básica de guerra assimétrica ou ameaça assimétrica parte de um cenário onde um ator dispõe de plenas capacidades militares, muitas vezes moldada para a forma comum de conflito (Estado-Estado) empregada em atores que não dispõem de tamanho aparato. A primeira vista, parece que é um cenário injusto de conflito, mas a assimetria existente nos conflitos atuais retrata uma dificuldade de personalização de táticas e força para deter os agentes que atuam de forma não convencional. No entanto, os interesses nacionais são levados em consideração na medida em que determinada estratégia é acionada no plano tático operacional. Determinar a efetividade das ações é o ponto mais crítico quando se engloba abordagens assimétricas (McKENZIE, 2000). As guerrilhas que se espalham em todos os continentes, são bons exemplos de guerras

assimétricas em curso pelo mundo. A inferioridade das forças militares deve ser compensada por uma superioridade crescente das forças morais, à medida que a ação se prolonga. Assim, a operação desenvolve-se simultaneamente em dois planos, o plano material, das forças militares, e o plano moral, da ação psicológica.

A guerrilha não é necessariamente um tipo de guerra de resistência onde os insurgentes se opõem a uma força de ocupação, como no Iraque ocupado pelos estadunidenses ou como na União Soviética invadida pelos nazistas. Ela é também comum em guerras revolucionárias (com fator político-ideológico) que podem ocorrer entre partidos ou facções de um mesmo povo. (Ex.: M.M.D.C., El Salvador, Guerrilha do Araguaia, Ação Libertadora Nacional - ALN, Movimento Revolucionário 8 de Outubro - MR8, Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - FARC, Sendero Luminoso, Euskadi Ta Askatasuna - ETA, Exército Republicano Irlandês - IRA, etc.)

A utilização do terrorismo como tática dos oprimidos se faz presente sob a justificativa que não há outro recurso para combater um adversário mais poderoso à não ser engajar práticas terroristas de forma assimétrica. Para o terrorista, a ameaça ou o uso da violência vai além da exploração do medo, mas o único recurso tático capaz de afrontar a potência opressora. No entanto, nem todos os grupos terroristas estão inseridos na ameaça assimétrica, como podemos exemplificar, o grupo terrorista Tigres Tâmeis, dispunha de praticamente um exército formal, com marinha e aeronáutica na disputa com o governo do Sri Lanka para a criação de um Estado independente na ilha. Esse mesmo grupo foi o percussor do uso de táticas de suicidas vestidos com coletes cheios de explosivos, bem como o engajamento de mulheres em ataques, mas tal análise será melhor explicada no capítulo seguinte.

Com o fim da Guerra Fria e a multipolarização do sistema internacional, novos atores emergiram para desafiar o novo sistema que passava a se tornar regional, sendo, na ótica desses atores, mais propício para o sucesso de seus objetivos. Foi a partir da década de 1990 que muitos grupos começaram a se organizar de forma diferente para alterar o *status quo* de suas localidades e tentar estabelecer os preceitos que defendiam. O vácuo deixado, sobretudo pela União Soviética, fomentou essas organizações com ideologias tanto religiosas quanto políticas a acreditarem que possuem uma chance de vitória em suas lutas.

Esta divisão sistemática do sistema internacional tem permitido que esses grupos passem a tomar a iniciativa e usar o terrorismo como instrumento para tentar maximizar seus objetivos de política externa. Diante do vácuo existente e da incapacidade das organizações políticas regionais e internacionais para controlar ou combatê-los, os dois novos atores estatais e não estatais têm e continuarão a praticar as técnicas do que pode ser chamado de diplomacia armada – diplomacia pela intimidação e ameaça do uso do terrorismo (SLOAN, 1998).

Com o advento tecnológico, essa ameaça cresce de forma constante, já que as capacidades dos grupos terroristas não se limitam mais às suas regiões de origem. Hoje, com a comunicação instantânea, esses grupos coordenam suas atividades de forma diária e desafiam o sistema internacional com as suas capacidades de logística e interlocução. Essa aptidão massiva de impacto do terrorismo, talvez modificou a frase de Sun Tzu “mate um e assuste milhares” para “mate milhares e assuste a milhões” (SLOAN, 1998)

A falta de clareza e a imprevisibilidade das atividades desses grupos, retratam os desafios vivenciados pelos Estados para garantir a integridade nacional. Essa nova forma de ameaça à balança de poder, jamais vista na história da humanidade, se encaminha para o grande desafio desse novo século que iniciou com o fatídico ataque em solo americano. Com o advento do terrorismo em massa e a facilidade de inclusão de novas tecnologias no espectro desses grupos, forcem a mudança nas agendas internacionais para a criação de uma doutrina ou tática para combater esse novo inimigo do sistema.

CAPÍTULO 2

Este segundo capítulo do trabalho irá providenciar embasamento historiográfico para a explicação do fenômeno do terrorismo religioso como a crescente ameaça à segurança no sistema internacional. Nele, analisaremos as ideias propostas por David Rapoport, bem como os fundamentos de Sayyid Qutb que alimentaram os ideais terroristas de *jihad* sob uma análise difusa do Al-qur'ân. Mais adiante, serão expostas análises realizadas por Alex Schmid e outros acadêmicos sobre a questão.

2.1 - As quatro ondas do terrorismo moderno

No livro de Rapoport *The four waves of moderns terrorism*, o autor retrata historicamente a evolução do terrorismo, desde o fim do século XIX até os dias atuais. Na sua análise, ele utiliza seu foco explicativo em recortes históricos dos quais intitula como “ondas”, não se atendo aos grupos e organizações que perpetravam ações terroristas. Assim, o seu trabalho visa a conjuntura político-social nas relações internacionais à época em que as ondas ocorreram.

O terror moderno que iniciou na Rússia em 1880 passou por diversas mutações até chegar aos parâmetros vistos atualmente. Naquela época, não havia a facilidade de locomoção nem a transmissão instantânea de mensagens como desfrutamos. Mas a estratégia coercitiva proposta pelo engajamento em terrorismo começava a aflorar com os anarquistas russos, essa é a primeira onda na trajetória histórica do fenômeno.

Desta forma, analisaremos a primeira onda do terrorismo moderno, o anarquismo. Os anarquistas avaliavam a sociedade da época, sobretudo na Rússia tsarista, uma insatisfação latente perante a corrupção e a distância das instituições para com o povo. Os longos anos de opressão pelo governo alimentava a mágoa que os russos tinham perante seus déspotas. Nesse cenário, os anarquistas emergem se utilizando da mais nova tecnologia de comunicação da época, o telégrafo, para iniciar uma campanha de “propaganda de ação” como foi nomeada por Peter Kropotkin. Os conflitos entre os

grupos que passavam a surgir começaram a polarizar a sociedade do Império Russo (RAPOPORT 2004).

Durante esse período, um dispositivo letal foi inventado revolucionando as práticas dos anarquistas, a dinamite. Com ela, os ataques conseguiam aumentar o número de vítimas e causar mais comoção nos alvos no início do terrorismo de espetáculo. Muitos desses ataques, o próprio perpetrador também morria vítima da violenta explosão. Essa peculiaridade era empregada para distinguir os terroristas dos criminosos e assassinos ordinários, já que a ideia que se construía atrás do ator era de um mártir com caráter heroico. Os terroristas se consideravam como revolucionários semelhantes àqueles que derrubaram o reinado de Luís XVI durante a Revolução Francesa em 1789. Eles almejavam alvos políticos e aqueles que afetavam a sociedade em qualquer hierarquia. Vale ressaltar, que não somente um grupo atuou durante essa onda. Como expressado anteriormente, a onda trata de um período histórico onde diversos grupos atuavam com objetivos similares.

Na medida em que os ataques ocorriam, o sentimento de vitória crescia entre os terroristas e a possibilidade de revisão no *status quo* parecia cada vez mais tangível. Até que em 1816 o Tsar Alexandre II, num ato singular, tentou modificar a estrutura política e social da Rússia de um dia para o outro. Ele libertou os servos que compunham 1/3 da população da época e prometeu uma reforma agrária sem precedentes na história do império. Ao mesmo tempo, ele iniciou planos de ocidentalização do governo, modernização do sistema jurídico, abolição da pena capital e relaxou o poder da censura. Uma nova Rússia começava a emergir e com isso, os terroristas passaram alguns anos num hiato já que as decisões do governo estavam satisfazendo a sociedade oprimida por tantos anos. No entanto, as reformas não surtiram efeito no prazo esperado pelo fato do Estado não dispor de fundos suficientes para implementá-las. Com a mesma rapidez que Alexandre tentou mudar a Rússia, a sociedade emplacou uma revolta contra o sistema culminando no assassinato do próprio tsar. (RADZINSKY, 2005)

A primeira onda se espalhou pela Europa nos anos seguintes tendo o seu pico entre 1890 e 1910, período que ficou conhecido como o “Anos dourados do assassinato” (RAPOPORT, 2004). Durante esse período, os alvos dos terroristas eram os monarcas, primeiros ministros e presidentes, onde um após outro era sistematicamente assassinado, geralmente por atacantes que facilmente passavam pelas fronteiras da região. Do outro

lado do Atlântico, um proeminente homicídio ocorreria, fato que mudariam as políticas adotadas em combate ao latente problema que agora tomava proporções transatlânticas. Até então os incidentes ocorriam apenas em solo europeu. O assassinato do presidente americano William McKinley, tomou as páginas de todos os jornais do mundo moderno na época. O fatídico ato perpetrado por Leon Czolgosz, um pobre filho de imigrantes poloneses, em 1901, gerou comoção internacional e o então presidente que substituiria McKinley, Theodore Roosevelt, lançou a primeira campanha de mobilização internacional para eliminação do terrorismo. Em seu discurso, o novo presidente afirmou: Anarquia é um crime contra toda a raça humana e toda a humanidade deveria se unir contra o Anarquismo. Os seus crimes deverão ser autuados pela lei das nações [...] declarado por tratados entre as forças civilizadas. (RAUCHWAY, 2004)

As tentativas de coibir a crescente anarquista não obtiveram sucesso entre as potências da época pela falta de interdependência e cooperação. Os Estados não conseguiam resolver as suas diferenças e muitos não queriam que seus conterrâneos anarquistas que agiam pela Europa regressassem a seus territórios causando instabilidades. O terrorismo anarquista atingiu o seu ponto máximo no assassinato do arquiduque Franz Ferdinand do Império Austro-Húngaro engatilhando a Primeira Grande Guerra em 1914.

No período após o conflito, os anarquistas continuaram a atuar, porém as intensidades e as causalidades dos ataques iam gradativamente diminuindo e uma nova onda ia ganhando pilares com a assinatura do Tratado de Versailles em 1919. Os vitoriosos aplicaram o princípio da autodeterminação para desmembrar os impérios derrotados e criar novos países. Alguns desses territórios que haviam sido oprimidos por toda a história, não tinham alicerces para sustentar uma independência repentina e foi nesse cenário que a segunda onda começou a emergir. (RAPOPORT, 2004)

Durante todo o período entre guerras, a instabilidade presente no cenário europeu e as assertivas propostas em Versailles lançaram essa nova onda formando novos grupos nesses territórios e nas colônias das principais potências imperialistas vitoriosas. Uma das principais organizações que surgiram no início foi o IRA na República da Irlanda, alcançando sucesso poucos anos numa guerra travada contra as forças britânicas e contra os irlandeses monarquistas do norte da ilha (DURNEY, 2004).

A Segunda Grande Guerra acentuou o sucesso de muitos terroristas. Mais uma vez, as forças vitoriosas forçaram os derrotados a abandonar seus impérios, desta vez, esses territórios não se transformaram em mandatos, mas em novos Estados, sendo algumas das colônias que estavam lutando por suas independências no período entre guerras, foram concedidas certa autonomia. As próprias forças vencedoras iniciaram o processo de descolonização em boa parte de seus territórios e com isso não perceberam as ameaças de grupos terroristas; alguns dos primeiros Estados independentes faziam parte do Império Britânico como Índia, Paquistão, Ceilão (atual Sri Lanka), Egito, Gana e Nigéria. Tal ato indicava o quão comprometido estava o ocidente em fazer presente o princípio da autodeterminação dos povos que se tornaria um dos principais artigos das Organizações das Nações Unidas. Os Estados Unidos encabeçavam a força hegemônica do ocidente e pressionou os impérios em decadência à acelerarem o processo de descolonização. Com o desenvolvimento da Guerra Fria, o processo ganhou uma força extra para evitar possíveis conflitos regionais, já que a União Soviética iniciava o seu jogo de influência nos grupos rebeldes dos extintos impérios (RAPOPORT, 2004).

Devido à sua magnitude, a segunda Grande Guerra enfraqueceu consideravelmente as potências europeias. Esse *gap* alimentou os grupos rebeldes que se espalhavam nas colônias ainda remanescentes mundo afora. Tais grupos ansiavam a independência completa das forças dominadoras e com isso a segunda onda do terrorismo tomava força no mundo inteiro, a onda nacionalista. As atividades terroristas foram cruciais para o estabelecimento de novos países como: República da Irlanda, Israel, Chipre e Argélia, por exemplo.

O terrorismo foi utilizado principalmente nesses países, pois as potências dominadoras não consideraram o princípio da autodeterminação nesses territórios. Árabes e judeus travaram batalhas sangüinárias no Mandato Britânico da Palestina após a retirada dos britânicos. Os *pied-noir* (termo designado aos argelinos de origem europeia, sobretudo francesa) não queriam a retirada de Paris na Argélia; No Chipre, a comunidade turca não queria ser colocada sob domínio grego e os britânicos queriam manter o Chipre como colônia devido à sua localização estratégica.

As organizações da segunda onda tentavam criar um novo rótulo para as suas atividades porque o termo terrorista (ou anarquista) acumulara caráter negativo ao longo dos anos. Quem se identificasse como terrorista corria o risco de perder o apelo da social

e político para a causa. Na caótica Palestina, dois grupos israelense sionista antagônicos agiam na tentativa de expulsar os britânicos da região. O *Lehi* agia ao contrário dos demais se intitulando como uma organização terrorista *sensu stricto*. Seus rivais *Irgun* consideravam-se como combatentes de liberdade contra um governo terrorista. Essa segunda concepção foi tão bem aceita pelos demais grupos atuantes nas mais diversas regiões do planeta que acabaram por adotar a alcunha de “combatentes de liberdade”. As táticas do *Irgun* apelavam para um determinado segmento da comunidade judaica que acreditava que qualquer medida que fossem tomadas em prol da criação de um Estado judeu eram justificadas, incluindo o terrorismo (CLEVELAND, 2004).

O *Irgun* foi duramente criticado pela comunidade judaica, sobretudo por um grupo composto por intelectuais judeus entre eles Albert Einstein, Hannah Arendt e Sidney Hook. Esse grupo publicou em 1948 uma carta no *The New York Times* condenando as práticas do grupo voltadas tanto para os sionistas quanto para os palestinos da região. Em 1948 o *Irgun* foi dissolvido dando lugar à um partido político chamado *Tenuat HaHerut* (Partido da Liberdade), onde boa parte dos seus membros eram compostos por ex terroristas. Na carta os intelectuais expressaram:

“Entre os fenômenos políticos perturbadores de nossos tempos está a emergência no recém criado Estado de Israel do "Partido da Liberdade" (*Tenuat HaHerut*), um partido político muito próximo na sua organização, métodos, filosofia política e apelo social aos partidos Nazista e Fascistas. Ele foi formado a partir de membros e seguidores do antigo *Irgun Zvai Leumi*, um grupo terrorista, de direita e com organização chauvinista na Palestina.

A atual visita de Menachem Begin, líder deste partido, para os Estados Unidos é, obviamente, calculada para dar a impressão de apoio americano ao seu partido nas próximas eleições israelenses e para cimentar laços políticos com os elementos Sionistas conservadores nos Estados Unidos. [...] É inconcebível que aqueles que se opõem ao fascismo em todo o mundo, se corretamente informados sobre a história política e perspectivas de Begin, possam acrescentar seus nomes e apoio ao movimento que ele representa.” (Letter to the New York Times: New Palestine Party Visit of Menachem Begin and Aims of Political Movement Discussed, 1948)

Vinte e nove anos após a carta acima, Menachen Begin era eleito primeiro ministro de Israel, tendo conquistado sua maior vitória política nos Acordos de Camp Davis que resultou na retirada das tropas israelenses da Península do Sinai e a devolução do território para o governo egípcio. Por esses Acordos, tanto Begin quanto o presidente egípcio da época Anwar El Sadat receberam o Prêmio Nobel da Paz de 1978.

Não somente a nomenclatura adotada, mas as táticas empregadas modificaram bastante entre a primeira e a segunda onda. Os combatentes da segunda não utilizam a tática amplamente utilizada pelos da primeira de assassinar as pessoas influentes das suas regiões. Eles acreditavam que tal prática era contra produtiva para se atingir o objetivo do grupo. A nova estratégia era demasiada complexa em relação à onda anterior, pois havia mais alvos a serem escolhidos.

A estratégia da segunda onda visava eliminar a força policial dos territórios para poder reduzir drasticamente a força do governo, considerando a polícia como os olhos e os ouvidos do poder. As unidades militares que substituiriam os polícias mostrariam despreparo em manter a ordem e a segurança da sociedade o que levaria aos grupos desenvolver simpatia da população.

A principal tática dos grupos se valia nas de guerrilha (atacar e correr). Como os exércitos da época não contavam com treinamento eficiente para esse tipo de combate, as vitórias dos “combatentes da liberdade” aumentavam gradativamente (O’NEILL, 2001). Em alguns casos, os grupos avisavam à população local sobre determinado ataque para minimizar as casualidades civis. Esses terroristas passavam a se tornar em heróis nacionais, principalmente na Argélia que fervia com os combates contra a Legião Estrangeira (PERVILLÉ, 2002).

Esses grupos demonstravam habilidades até então não presenciadas na história militar. Organizações complexas e cada vez mais bem treinadas e equipadas emergiam nesse cenário da segunda onda. Os rebeldes do IRA, contavam com o financiamento dos irlandeses mundo afora para a compra de equipamentos e treinamentos de inteligência contra as forças britânicas, por exemplo. Talvez, um dos poucos grupos que perpetuaram e transpassaram de uma onda para outra, juntamente com o ETA, fato que mostra o nível de organização alcançado por esses grupos.

Países com populações simpáticas aos grupos se mostravam também ameaças demasiada fortes contra as forças estrangeiras. No caso da Argélia, a FLN (Front de Libération Nationale) se transformara num gigantesco exército de rebeldes e civis que atacavam os colonos franceses e buscavam independência completa da França. As influências externas modificavam à medida que os propósitos dos grupos e o contexto local demonstravam serem difusos. Para ilustrar essa afirmação, analisamos o IRA antes da segunda Grande Guerra e após ela. No início, os combatentes pregavam a saída dos colonialistas britânicos na ilha e a total independência da Irlanda do Reino Unido. Os imigrantes irlandeses, sobretudo aqueles que se instalaram nos Estados Unidos, davam pouco atenção às investidas do grupo durante esse período, mas com a escalada do conflito e a conquista do objetivo, as atenções se voltavam para as diferenças religiosas que permeavam o povo irlandês mudando o foco do grupo para os seus próprios conterrâneos iniciando uma guerra civil contra os protestantes do norte, apoiados e leais à coroa britânica.

Com o advento das Nações Unidas, diversos grupos revogaram suas práticas terroristas e passaram a utilizar da diplomacia para poder conseguir os objetivos que pregavam. Nos anos seguintes, os grupos da segunda onda foram perdendo espaço, pois com o fim da segunda Grande Guerra e a descolonização em quase todo o mundo, o foco passava aos grupos que lutavam pelas ideologias que emergiram no cenário bipolar da Guerra Fria. Assim, a segunda onda tem o seu fim e a terceira passa a dominar o mundo da época, no qual os conflitos patrocinados pelas potências URSS e EUA definiam as diretrizes dos novos grupos (RAPOPORT, 2004).

A terceira onda ou “Onda de esquerda” como sugere Rapoport, começa em meio a um dos conflitos mais *sui generis* da história moderna: a Guerra do Vietnã. A eficácia das forças Viet Cong utilizando de um aparato militar demasiado inferior em relação ao dos EUA, foi o gatilho para a imersão de grupos que defendiam a estabilidade do novo cenário que mostrava-se vulnerável para àqueles que passaram séculos como colônias e não dispunham de capitais de poder para enfrentar as potências.

Grupos se desenvolveram nos países de terceiro mundo e também em muitos ocidentais que simpatizavam com a situação das ex-colônias que se transformaram em palcos de guerras entre as duas potências antagônicas. Alguns dos principais grupos ocidentais foram: Rote Armee Fraktion (Fação do Exército vermelho) na Alemanha

Ocidental, Brigate Rosse (Brigada vermelha) na Itália, Nihon Sekigun (Exército vermelho japonês) no Japão. Esses grupos se consideravam vanguarda na luta pelos oprimidos do terceiro mundo. A União Soviética encorajava esses grupos oferecendo suporte moral, armamentos e treinamentos específicos para os diversos engajamentos que estes atuavam (ANDREW, 2006).

As duas primeiras ondas dotavam de uma mistura de nacionalismo e radicalismo. A medida que uma falhou a outra alinhava os conceitos e princípios com outros ingredientes que o cenário da época favorecia, principalmente os princípios étnicos que distinguiam os grupos dos seus opressores. Na terceira onda, motivações políticas e ideológicas incrementaram o espectro no foco dos atos e premissas desses novos grupos. Seus alvos – França, Reino Unido, Turquia e Espanha – negavam serem forças opressoras e imperialistas e com isso o antagonismo ganhava a força necessária para os atos que iniciavam.

A heroica vitória das forças vietnamitas contra os EUA em 1973 serviu de exemplo para um dos grupos mais atuantes na terceira onda. A Munazzamat at-Tahrir al-Filastīniyyah (Organização da liberação da Palestina) emergiu como a força heroica contra os opressores, neste caso Israel. Sua existência e persistência deu credibilidade aos demais grupos que começaram a surgir e a esperança que os alimentava em acreditar que suas causas poderiam ser vitoriosas, assim como aconteceu na Indochina. Esses grupos ganharam força no momento em que a União Soviética expressou apoio em todos os sentidos, criando zonas de treinamento em diversas regiões conflituosas.

Para Rapoport, a primeira e a terceira onda compartilham de semelhanças no *modus operandi* em diversas esferas. Ambas utilizavam mulheres em seus contingentes; escolhiam alvos exemplares nas suas sociedades; utilizavam do terrorismo teatral para causar medo nas populações, sobretudo das elites. Todavia, foi na terceira onda que se iniciou uma nova prática até hoje utilizada pelos grupos terroristas: o sequestro de aviões. Durante as suas três décadas de duração, mais de 700 aviões comerciais foram sequestrados. O desenvolvimento tecnológico dos aviões proporcionou uma gama de alvos gigantesca para esses grupos e causava o pânico e o medo que pretendiam em todos os povos, pois qualquer um estaria à mercê de ser alvo de um ataque como este (RAPOPORT, 2004).

Os sequestros tomavam as diretrizes dos grupos, sendo o mais notável o ocorrido em 1979 com o então primeiro ministro italiano Aldo Moro. A Brigada Vermelha italiana criou uma emboscada em sua comitiva, matando seus guarda-costas e o mantendo prisioneiro por 55 dias. Quando o governo italiano recusou negociar com os terroristas, Moro foi brutalmente assassinado e teve o seu corpo deixado dentro de um carro em uma rua da capital Roma. Na Nicarágua, os Sandinistas tomaram o congresso como refém em 1978. Na Colômbia, o M-19 tentou imitar os nicaraguanos na suprema corte do país em 1985, mas o governo recusou se render aos pedidos dos terroristas e invadiu o local com tropas do exército onde 100 pessoas acabaram morrendo (RAPOPORT, 2004).

Os sequestros se espalhavam em 73 países. No começo, os alvos concediam ganhos políticos aos terroristas, mas estes passaram a escolher alvos corporativos já que várias multinacionais pagavam seguros aos seus executivos, tornando o sequestro se tornava uma fonte rentável e segura de capitalização. Estima-se que cerca de 350 milhões de dólares foram captados por diversos grupos com esse tipo de prática. Além dos sequestros, a antiga prática da primeira onda de assassinar figuras políticas voltava à tona. As lógicas dos homicídios entre a primeira e a terceira onda eram diferentes, pois na primeira, os alvos eram figuras que detinham cargos públicos, já na terceira detinha um caráter de punição (TUTHILL, 1981).

Os grupos começavam a se internacionalizar, quando campos de treinamentos começaram a receber terroristas de várias partes do mundo, as ações também começaram a se espalhar e sair do plano doméstico. Por exemplo, a OLP cometeu mais ataques na Europa que na própria Palestina e até mais do que muitos grupos europeus. No plano doméstico, os grupos começavam a mirar figuras internacionais que se estabeleciam em seus territórios. Um país detinha o maior número de alvos nesta época: EUA. Um terço dos alvos internacionais durante a terceira onda eram americanos. A maioria destes em países que viviam ditaduras apoiadas pelo governo e que empregava uma espécie de terrorismo de Estado explicado no capítulo anterior.

No cenário árabe, tanto a OLP quanto os países que a apoiavam passaram por sucessivas perdas, algumas categóricas pelos seus mútuos envolvimento com o terrorismo, principalmente em incursões contra Israel. Incursões da Gaza ocupada pelos egípcios levaram o país à desastrosa Guerra do Sinai gerando perdas econômicas e territoriais. Outra incursão proveniente pela Síria colocou o país na Guerra dos Seis Dias.

Quando a OLP sequestrou aviões pela primeira vez sem israelenses, mas britânicos e americanos, com direção à Jordânia, o exército jordaniano devastou o grupo que perdia uma de suas casas. Finalmente, a tentativa de assassinato de um diplomata israelense na Inglaterra, levou à invasão do Líbano em 1982, expulsando a OLP de vez do principal reduto do grupo. Paradoxalmente, os Acordos de Oslo de 1993 demonstraram que a OLP teria mais chances de conquistar os seus objetivos por meios diplomáticos do que adotando de práticas terroristas. (RAPOPORT, 2004)

Alguns países começaram a patrocinar essas organizações para assegurar o destino dos seus territórios e mais uma vez, esses países pagaram altos preços pelos constrangimentos que tais práticas implicaram. Os britânicos romperam relações diplomáticas com sírios e líbios por ataques ocorridos nas dependências do Reino. Na França, imigrantes iranianos em exílio político, foram assassinados por supostos agentes do aiatolá e o Irã não permitiu que a polícia francesa interrogasse os diplomatas da embaixada que eram suspeitos pelos crimes, instigando a insatisfação ocidental perante os países que acolhiam esses grupos e que propagavam o terrorismo de Estado (BAKHTIAR, 1994).

A terceira onda começou a entrar em declínio no fim dos anos 80. Os terroristas revolucionários iam gradativamente sendo derrotados nos países de atuação. A invasão israelense ao Líbano em 1982 destruiu as instalações da OLP, acarretando em perdas também aos demais grupos que utilizavam estas para treinar seus combatentes. Como aconteceu na primeira onda, os Estados se uniram com demais nações ocidentais para combater os patrocinadores e os grupos que coordenavam os ataques. Os EUA e o Reino Unido atacaram a Líbia em 1988 em retaliação ao suposto patrocínio do regime de Muammar Gaddafi ao atentado de Lockerbie, onde um avião da Pan Am explodiu em pleno voo matando 270 pessoas. As investigações posteriores apontaram células líbias filiadas aos grupos terroristas como os perpetradores do ato e a complexa conexão do financiamento do regime líbio à esses grupos (BBC, 2011). A Interpol que foi planejada ainda na primeira onda, começou a se estabelecer nesta época, tendo papel crucial na captura de diversos combatentes. No entanto, as diferenças entre os países persistiam e a falta de cooperação na resolução dos assuntos que envolviam os presos e suspeitos de terrorismos ainda não possuíam um denominador comum.

O papel da ONU durante a terceira onda mudou dramaticamente em vista das transformações ocorridas no cenário internacional da época. As ex-colônias, concentravam índices de instabilidades muito altos e com isso, tornavam-se palcos para os grupos atuarem. Contudo, a organização teve papel crucial em transformar certas práticas amplamente utilizadas pelas organizações em crimes aceitos pela comunidade internacional. Sequestro, confinamento de prisioneiros, ataques aos oficiais de governo, bombardeio às instalações governamentais e financiamento de atividades terroristas, tornaram-se os principais crimes estabelecidos em diversas convenções (BARNIDGE, 2007).

Com isso, encerra-se a terceira onda, pois as conturbações sociopolíticas que emanavam, principalmente nos estados árabes, começavam a mudar o foco das organizações e dos novos indivíduos que acreditavam no terrorismo como arma. Os Estados da comunidade internacional, começavam a lidar com uma nova frente que não mais queriam evidenciar seus nacionalismos, mas utilizavam os preceitos religiosos como fonte e premissa na realização dos seus ataques. Essas modificações foram bastante influenciadas pela dissolução da União Soviética e o fim do patrocínio que eles davam às frentes com ideologias comunistas.

A quarta onda tem início em paralelo com o apogeu da terceira. Com a revolução iraniana em 1979, uma nova configuração estatal se fazia presente no cenário internacional, um tipo de Estado religioso, onde todas as premissas e diretrizes da nação partiam de pressupostos contidos no *al-qur'ân*. Com isso, diversos grupos foram criados para defender os princípios religiosos dos seus povos com o objetivo de estabelecer governos similares aos de Tehran. Alguns grupos até mudaram o foco de suas atividades, deixando de lado o nacionalismo e empregando a religião como a identidade da organização.

As demonstrações em massa da população iraniana perante o governo secular do xá Pahlevi, foi a precursora da insatisfação vivida por muitos outros países árabes em meio ao aumento da influência dos países do ocidente em seus territórios. O evento tornou público ao mundo que a religião agora tinha apelo político. Khomeini, o arquiteto da revolução, afirmou que “no islã não há fronteiras” (COUGHLIN, 2009), modificando as relações existentes entre os diversos muçulmanos no médio oriente e norte da África, além dos asiáticos

Além do fato citado acima, outros dois eventos marcaram a atuação dos muçulmanos na quarta onda: o início de um novo século muçulmano e a invasão sem precedentes do Afeganistão por tropas soviéticas.

Primeiramente, a revolução inspirou grupos xiitas fora do Irã, particularmente no Iraque, Arábia Saudita, Kuwait e Líbano, influenciados pelo auto martírio praticado séculos atrás pelos Assassinos da Idade Medieval e reformulado com os ataques suicidas iniciados durante a invasão Israelense (com apoio americano e britânico) do Líbano em 1982 durante a Guerra Civil Libanesa. Lá que o primeiro atentado a bomba feito por um terrorista suicida aconteceu, aterrorizando o mundo pois os alvos eram os próprios civis. O resultado surpreendedor da prática foi o motivo da retirada, quase que imediata, das tropas americanas que apoiavam os israelenses, dando notoriedade à atividade em meio aos demais grupos (THE WASHINGTON TIMES, 2006).

Os homens bomba cresceram vertiginosamente nesse período. Apesar da crença ocidental de que os suicidas agiam desta forma por promessas divinas de uma vida abastada no céu, outro grupo não muçulmano utilizou da prática mais do que todos os grupos terroristas islâmicos combinados. Os Tigres Tâmeis ficaram surpresos com os ganhos obtidos durante a invasão israelense ao Líbano em 1982 e adotaram da prática como nenhum outro grupo, reinventando a forma e até a tecnologia utilizada nos ataques. Por três décadas, os rebeldes lutaram por uma pátria independente com centenas de ataques suicidas, mais do que qualquer outro grupo al-Qa'ida ou. Ao todo, mais de 70.000 pessoas morreram nos combates (PAPE, 2009). Mas eles não são religiosos. Eles não são muçulmanos. Eles são um grupo hindu. Eles são um grupo marxista. Eles são, na verdade, antirreligiosos. Eles estão construindo o conceito de martírio em torno de uma ideia secular de indivíduos essencialmente altruísta sacrificar para o bem da comunidade local.

A inclusão de mulheres no grupo e a utilização delas como mulheres bomba foi uma prática pioneira para a época. Devido à enorme quantidade de perdas de soldados, os Tigres Tâmeis utilizaram do sentimento nacionalista espalhado pela causa e começaram a recrutar e treinar mulheres para combater. Estima-se que cerca de 20% de toda a força do grupo era de mulheres.

Embora muitos muçulmanos acreditassem que o ano de 1979, que marcava o início do novo século no Islã, um acontecimento fora de série ocorreria, a revolução iraniana foi sem precedente e inesperada. Para adicionar mais bases religiosas a esse

trabalho, que tem como foco esse ramo do terrorismo, Rapoport relata sobre uma profecia muçulmana que diz que neste século, um redentor irá surgir que irá mudar o mundo como um todo e que uma guerra entre os fiéis e os infiéis iria iniciar até que o mundo fosse varrido de todo aquele que não crê no islã. (RAPOPORT, 2004)

No mesmo ano da revolução, o 40º exército soviético invadia o conturbado Afeganistão, que desde a revolução, conhecida como Saur, destituiu a monarquia e instalou uma república socialista no país ainda em 1978. Em pouco tempo, insurgências em todo o país começaram a eclodir, pois o socialismo ia de encontro com um preceito praticamente unânime dos povos da região: a religião. Com isso, os *mujahideen*, como ficaram conhecidos, se organizaram para contra atacar as forças de Brezhnev, num conflito que perdurou por 9 anos.

Embarcados pelos discursos de unificação religiosa de Khomeini, os *mujahideen* eram compostos por muçulmanos de diversas nacionalidades, a maioria dos países sunitas árabes. A resistência contava com o apoio estadunidense no que diz respeito a armamentos e treinamentos para expulsar os invasores. Em 1989, as forças soviéticas foram expulsas do Afeganistão, dando à causa religiosa ainda mais força, pois o sentimento compartilhado na época foi de que a religião conseguiu vencer uma superpotência. Localidades com uma grande população muçulmana dentro da União Soviética – Chechênia, Turcomenistão, Tajiquistão, Cazaquistão, Daguestão e Azerbaijão – tornaram-se importantes campos de rebeldes terroristas. (RAPOPORT, 2004) Os veteranos afegãos tornaram-se fontes de expertise nos conflitos, bem como capital humano nas regiões conflituosas.

A quarta onda mudou os paradigmas existentes anteriormente sobre os grupos terroristas. O número de organizações diminuiu exponencialmente, uma vez que estes grupos dotavam de um maior número de participantes, praticamente todos com um mesmo background e uma mesma crença, o que dava homogeneidade à causa e disciplina entre os rebeldes. Para Rapoport, o declínio na quantidade de organizações não necessariamente condiz com uma proporção menor de ativos, já que uma mesma organização se subdividia em diversas células que atuavam nos 5 continentes do mundo. Uma comunidade islâmica era muito maior que qualquer nacionalismo, como pregavam os líderes, então todos os muçulmanos deveriam se unir, como um só para derrubar as forças ocidentais que oprimiam e deturpavam os preceitos da religião. Além disso, os

grupos da quarta onda, permaneciam ativos por mais tempo que nas anteriores. Diversos grupos que temos conhecimento com frequência atualmente, foram criados no início da quarta onda na década de 80, como: al-Qa'ida, Hezbollah, Hamas, entre outros.

Neste cenário, os países ocidentais, sobretudo os Estados Unidos, modificaram suas agendas para essa nova ameaça que emergia. Para os iranianos, os EUA eram o “Grande Satã”, sendo a força motriz de todo o mal cometido contra os muçulmanos. No início, os alvos dos grupos eram quase que exclusivamente americanos, tanto militares, quanto diplomáticos ou civis. O objetivo era a retirada dos EUA do Médio Oriente tanto fisicamente quanto de sua influência na região. Os ataques às embaixadas americanas em Dar es Salaam e em Nairóbi em 1998, causou a morte de centenas de pessoas e mostrou ao mundo o terrorismo de espetáculo, acarretando numa comoção entre os Estados aliados dos americanos em rever suas políticas. Apesar de terem ocorrido na África, as investigações da CIA apontaram a al-Qa'ida como mandante dos atentados. Em contrapartida, os americanos lançaram o primeiro ataque com mísseis já engajado em uma organização ao invés de um Estado, no entanto o impacto havia sido mínimo em vista à ameaça que os grupos, sobretudo al-Qa'ida, demonstravam. Segundo Peter Bergen, “os ataques tiveram impacto contrário ao que esperavam os americanos, pois fizeram com que Bin Laden saísse do anonimato e se tornasse uma celebridade global.” (BERGEN, 2011).

Ainda na década de 90, o primeiro ataque em solo americano ocorreria. No dia 26 de Fevereiro de 1993, uma van com cerca de 600 kg de explosivos era detonada no subsolo da torre norte do complexo do World Trade Center. A ideia dos terroristas era de derrubar a torre norte na sul fazendo com que ambas fossem abaixo, matando dezenas de milhares de pessoas. O ataque falhou em seu propósito, mas causou a morte de 6 pessoas e feriu mais de mil. O ataque foi arquitetado e perpetrado por um grupo terrorista liderado por Ramzi Youssef financiado por Khalid Sheikh Mohammed, o mesmo por trás dos atentados de 11 de Setembro. Depois da captura de Youssef em 1995, a CIA descobriu diversos planos o terrorista suportados e financiados por uma complexa rede terrorista em conjunto com a al-Qa'ida. O grupo tinha participação na tentativa de assassinato da primeira ministra paquistanesa, Benazir Bhutto, num mirabolante plano intitulado *Bonjika* que consistia em um sistemático ataque envolvendo o assassinato do Papa João Paulo II, a explosão de 11 aviões comerciais e a utilização de uma das aeronaves para atingir o quartel general da CIA em Fairfax na Virgínia.

A responsabilidade al-Qa'ida por todos esses ataques, tornou a organização a mais importante dentre as ativas na quarta onda. Um dos primeiros objetivos da organização era traçado, o da retirada das tropas americanas da Arábia Saudita, que para os muçulmanos é a terra onde Mohammed proclamara ser o lugar sagrado do islã e, portanto apenas esta religião poderia existir na região. Diferente dos demais grupos, a al-Qa'ida dotava de centros de treinamentos, quase todos no Afeganistão, onde recrutavam muçulmanos, sobretudo árabes dos mais diversos países. Sendo a maioria vindos do Egito, Argélia e Arábia Saudita.

O fim da Guerra Fria, estabeleceu uma nova polaridade global, os EUA se tornavam a superpotência vencedora do conflito. Entretanto, a consolidação desta hegemonia, principalmente em termos securitários, estava ameaçada frente o advento dos grupos da quarta onda e a imprevisibilidade que o fim da dicotomia apresentava. A al-Qa'ida passa a estabelecer um novo objetivo para a organização, além do de expulsar os americanos da Terra Sagrada, agora, as energias eram canalizadas para uma total modificação do *status quo* da região e do mundo: a criação de um Estado – ou Califado – islâmico único governado pela *sharī'ah*, um conjunto de leis para regular a moral e os costumes dos povos islâmicos. Existem dois tipos diferentes de *sharī'ah*, àquela que é baseada nos versos contidos no *al-qur'ān*, denominada *ayah* e as que seguem os exemplos deixados por Mohammed, no que diz respeito à suas condutas e ensinamentos, conhecido como *Sunnah*. (ESPOSITO, 2001)

Os EUA passaram a modificar a sua atuação na região, frente a crescente ameaça que a al-Qa'ida expressava. Os americanos passaram a suprir os países que estavam sendo alvos com capital e material bélico para desorganizar o grupo de bin Laden e não engajar numa ofensiva direta contra a organização. O suporte teve relativo sucesso enfraquecendo algumas das principais células espalhadas pelo Médio Oriente. No entanto, o grupo se reorganizava tornando-se novamente ameaçador ao *status quo* da região.

Todos os olhares do mundo se voltaram para a manhã em Manhattan quando os aviões sequestrados por militantes islâmicos atingiram violentamente as duas torres do complexo do World Trade Centre. A partir daí, os EUA declaravam uma guerra que ficou intitulada Guerra ao Terror. Um tipo de conflito *sui generis* no qual os beligerantes eram formados por países em uma coalizão encabeçada pelos EUA versus a al-Qa'ida que declarou ser a organizadora e executora do atentado. Rapidamente as tropas americanas

executaram a Operação Liberdade Duradora, destruindo unidades do grupo e destituindo o Tālibān do poder, estabelecendo uma nova república afegã nos anos seguintes. No entanto, a Guerra ao Terror começava a ganhar proporções maiores do que a coalizão e a ONU imaginavam. Nos anos seguintes aos atentados de 11 de Setembro, mais dois outros de grande magnitude foram perpetrados em Londres e em Madri, ambos planejados e executados por células da al-Qa'ida. Nesse cenário, todas as forças militares ocidentais começaram a engajar esforços de guerra para identificar e eliminar as células espalhadas pelo globo, mas, novos grupos foram surgindo tomando como exemplo os vitoriosos mártires dos atentados citados, expandindo a rede de ameaças e tornando a Guerra ainda mais complexa, uma vez que ela não adotava uma forma linear de conflito e qualquer lugar do mundo poderia ser um palco de batalha.

O audacioso ataque do 11 de Setembro, transformou-se num marco no que diz respeito às questões de segurança internacional, pois colocou o terrorismo fundamentalista como o inimigo número um para vários países, inclusive muçulmanos. Os EUA engajavam numa guerra assimétrica contra a al-Qa'ida em seus redutos no Afeganistão, mobilizando tropas em conjunto com quase 100 países com a finalidade de capturar os líderes da organização terrorista percussora do ataque mais mortal já presenciado na história.

Mesmo com o relativo sucesso dos ataques, a al-Qa'ida e o Tālibān há várias razões para explicar o porquê deles terem entrado em colapso tão rapidamente no Afeganistão. Uma das principais é que uma organização como esta deveria se manter oculta no *underground* da localidade em que estiver estabelecida, mas ao contrário, a al-Qa'ida permaneceu visível dentro do Afeganistão, tornando-se fácil a identificação das instalações do grupo. Ademais, foi-se constatado que os militantes não esperavam uma invasão devido às dificuldades que o território afegão apresenta, deixando a investida demasiada custosa e incerta.

Rapoport conclui sua análise das quatro ondas do terrorismo moderno explicando que a quarta onda ainda seguirá pelo menos pelos próximos 15 a 20 anos sendo a mais longa desde do início no fim do século XIX. Para ele, os terroristas fundamentalistas islâmicos são a maior ameaça à estabilidade global e a perpetuação da paz entre as nações (RAPOPORT, 2004). Tirando a Guerra dos Bálcãs nos anos 90, o mundo não experimentou de nenhum outro conflito armado de proporções interestatais que colocasse

à prova o *status quo* estabelecido na multilateralidade que o cenário global oferecesse. No entanto, os grupos terroristas e as ambições destes, levam a crer que o inimigo dos Estados não são mais outros Estados, pois numa interdependência complexa as perdas no engajamento militar contra um país rival, podem ser catastróficas já que é da natureza dos Estados a garantia da sobrevivência das suas instituições e populações. Com isso, passaremos o foco do trabalho na explicação dos pilares teóricos e construtivos dos grupos da quarta onda e a demonstração da ameaça real que eles propõem ao sistema internacional.

2.2 – Qutbismo

Com a imersão da quarta onda, passamos a analisar o terrorismo religioso fundamentalista, sobretudo o islâmico que tinha como principal grupo a al-Qa'ida já citado anteriormente. Todavia, esses grupos se valeram de ideais e pressupostos construídos muito antes de suas ações contra os países do Ocidente, o início de suas ideologias está fundado nos estudos realizados por um egípcio que viveu até a metade do século XX chamado Sayyid Qutb.

Qutb nasceu em 1906 no sul do Egito e cresceu numa família conservadora e religiosa. Junto com o fundador Hasan al-Banna, criou os alicerces para a reestruturação da Irmandade Muçulmana que tinha como principais objetivos a retirada da monarquia no país e a instauração de um Estado religioso, como ocorreria no Irã décadas depois. A colonização britânica e a monarquia patrocinada por eles, instigou em Qutb e al-Banna sentimentos mútuos de revolta e afronta por parte do ocidente em regular a cultura e os pilares da sociedade egípcia, que deveriam ser fundamentados no islã.

Antes de ajudar na reestruturação da irmandade, Qutb recebe a oportunidade a aprofundar seus estudos sobre o ocidente quando embarca num intercâmbio acadêmico no Colorado, onde viveu por dois anos. Lá, ele iniciou suas observações sobre como o mundo estava se encaminhando, uma vez que o *soft power* estadunidense se espalhava pelos países no cenário pós Segunda Guerra.

A sua rejeição ao modelo de vida ocidental, levou a ele formular uma agenda radical quando regressara ao Egito. Al-Banna e a Irmandade acreditavam que a solução para o problema ocidental estava fundamentada no islã. Indo de encontro com a situação política da época, al-Banna foi assassinado e Qutb tomou o seu lugar na liderança da

organização. Nos anos seguintes, o Egito passaria por profundas modificações com a ascensão de um grupo pan-árabe liderado por Abdul Nasser que destituiu a monarquia egípcia e instaurou uma ditadura militar no país. Mesmo com ideologias diferentes, Qutb se aliou ao grupo de Nasser, pois acreditava que poderia iniciar as modificações políticas e sociais que acreditava serem as únicas formas de construir um Egito seguro e honesto sob os preceitos de Allah (CALVERT, 2010).

No entanto, a aliança não durou muito e Nasser ordenou a prisão de Qutb e seus partidários da Irmandade, por temer que o crescente apoio e popularidade que o grupo estava conquistando pudessem colocar em risco o seu governo. Durante os 10 anos que permaneceu na prisão, Qutb iniciou seus intensivos e extensivos estudos sobre o Qu'ran, bem como revisões analíticas dos seus estudos da sociedade ocidental. Seu livro ficou conhecido como *Milestones* que significa “marco” em inglês, o que de fato sua obra se tornaria. O livro retrata a filosofia política de Qutb baseada no conceito da soberania divina, onde apenas Deus deveria estar no comando das condutas políticas em um Estado. De forma clandestina, Qutb conseguiu com que o livro saísse da prisão e pudesse ser publicado clandestinamente. Pela vanguarda da obra, tornou-se rapidamente popular entre os acadêmicos da época, chegando às mãos de oficiais de Nasser que o considerou demasiado perigoso para a legitimidade do seu governo e o sentenciou à morte por enforcamento em 1966.

Após a sua morte, Qutb tornara-se uma proeminente figura na sociedade egípcia, mesmo com o seu livro tendo sido banido no país. Apesar de ser sunita, os ideais deixados por Qutb eram considerados tão verdadeiros que influenciaram o Ayatollah Khomeini na revolução xiita que instituiu a República Islâmica no Irã. A mensagem política de Qutb era tão potente que mesmo 30 anos após a sua morte, sua crítica se perpetuou nos anos após a Guerra Fria.

Consequentemente, Sayyid Qutb permaneceu um significativo e influenciador pensador no mundo islâmico até os dias atuais. O seu irmão, Muhammad Qutb, foi professor e mentor do jovem bin Laden que acabara por ser o fundador do crescente movimento radical da quarta onda explicada anteriormente. Hoje, diversos grupos tomam como base ideológica muitos dos ensinamentos de Qutb para justificar suas visões do mundo e a promoção da violência. Na introdução de *Milestones*, Qutb adverte seus leitores que: “A humanidade hoje está à beira de um precipício porque ela se desfaz dos

valores reais e só leva para si os valores de desenvolvimento de riquezas e o real progresso.” (QUTB, 1964) Ele atribui essa falha às teorias prevalentes tanto no oeste quanto no leste nas quais os muçulmanos permitiram que acontecessem sem desafios. Similares à ele, muitos dos muçulmanos de hoje, ressentem no poder do ocidente e os vê não somente como um inimigo físico, mas também como filosófico e ideológico. Eles sentem que o oeste, em particular os Estados Unidos, ainda controla sua civilização; como resultado, eles acolhem essas visões de Qutb como forma de liberação do domínio ocidental. Esses desejos estão presentes e se manifestam em todo o Médio Oriente.

A crítica fundamental de Qutb de todos as sociedades que ele vê como não Islâmica, é intitulada de "*jahiliyyah*". Esse antigo termo religioso explica a ignorância da orientação divina, encapsulando toda a crítica de Qutb ao Ocidente, a União Soviética, o governo de Nasser, e qualquer governo que não segue a divina orientação de Deus. Para Qutb, em última análise, cada um desses regimes é fundamentalmente o mesmo porque ignoram a autoridade de Deus sobre o homem e suas ações. Ao ignorar as revelações divinas, o homem se revolta "contra a soberania de Deus na terra" (QUTB, 1964). Qutb vê o mundo em preto e branco de uma forma que considera existir sociedades islâmicas e sociedades *jahili*. Sociedades islâmicas vivem a verdadeira vida, submetendo-se a Deus e totalmente em conformidade com a sua divina orientação em todos os assuntos. Enquanto isso, sociedades *jahili* ignoram a orientação de Deus e submetem-se às leis feitas pelo homem e em conformidade com o modo de vida criados pelo homem.

O conceito de *jahiliyyah* remonta os tempos antes do islã, onde as sociedades viviam como bem entendiam e não respeitavam os mandamentos e preceitos divinos. Para Qutb todos os exemplos expostos acima são de sociedades que remontam a esses tempos onde os homens não viviam como Deus queria. Uma resposta comum, especialmente para pensadores ocidentais, seria a de que uma aceitação muçulmana da orientação divina por um indivíduo não é necessariamente em conflito com valores ocidentais. Assim como muitos devotos cristãos vivem em países governados por valores ocidentais, os crentes muçulmanos podem fazer o mesmo. A sociedade ocidental é tolerante com todas as religiões e não discrimina com base em crença. Por que um indivíduo que profere a sua fé deve entrar em conflito com uma ordem social maior? A resposta de Qutb a esta questão é de suma importância para entender seu pensamento e sua crítica do Ocidente.

Para ele, essas sociedades vivem sob governos *jahili* e suas sociedades são o espelho dessa falta de obediência ao único Deus, Allah. Ele acredita que viver sob um governo não muçulmano é um tipo de escravidão em que "o custo é pago pela própria humanidade do homem, porque o homem não cumpre a si mesmo se está submetido a outro ser humano." O governo americano (principal alvo de suas críticas) afirma que protege a vida, a liberdade e a propriedade; no entanto, Qutb responde que quem acredita que um governo em que os homens "usurpam a autoridade de Deus" é se considera protegido de tais coisas é "viver em auto ilusão" (QUTB, 1964).

Toda a construção crítica de Qutb no início de *Milestones* remonta a seus contrapontos em relação ao que viu nos EUA e o que acreditava que deveria ser ideal em sociedades muçulmanas. Realizando uma análise historiográfica de toda a história das sociedades ocidentais judaico-cristãs, Qutb, visualiza que paulatinamente os homens iam distanciando Deus dos seus cotidianos e cada vez mais colocavam o que achavam ser o certo como pressuposto para a ordem social.

Não somente o comportamento social, mas também o desenvolvimento tecnológico e científico foram alvos da crítica de Qutb. O materialismo ocidental também destruirá a sua capacidade de colher os benefícios de seu progresso material. Embora o Ocidente tivesse progredido em um nível tecnológico e científico, Qutb acredita que se tornou uma civilização estéril, devido à sua falta de valores espirituais. Sem objetivos morais, o Ocidente é incapaz de utilizar do seu progresso científico de uma forma que beneficie sociedade. Qutb não condena tal progresso material em si, pois acredita que ele beneficia o homem desde que seja de acordo com a fé islâmica. Além disso, o progresso é obrigatório porque que glorifica a Deus e ajuda o homem em seu papel como vice regente, se abdicar disso seria uma afronta às ferramentas que Deus proporcionara aos homens. (QUTB, 1964)

Afrente na análise do pensamento de Qutb, entramos no tema que foi o seu legado as organizações terroristas. Depois de extensas e profundas críticas ao estilo de vida ocidental fora dos conformes divinos, Qutb acreditava que uma batalha entre o ocidente e o mundo muçulmano seria inevitável, uma vez que os muçulmanos não iriam mais se submeter à ordem das nações ocidentais que iam totalmente de encontro aos preceitos milenares para o povo seguidor do Islã. Ele escreveu que tal batalha faria parte da *jihad*. Depois dos ataques do 11 de Setembro o termo ganhou bastante atenção no mundo não

islâmico. A definição tradicional para o termo é de luta ou grande esforço em nome de Deus. No al-qur'ân encontramos a seguinte passagem sobre a *jihad*:

"Deixe-os lutar na de causa de Deus todos os que estão dispostos a trocar a vida de este mundo para a vida futura. A ele que luta pela causa de Deus, se ele for morto ou vitorioso, vamos conceder-lhe uma rica recompensa. E por que você não lutaria na causa de Deus e dos totalmente desamparados homens, mulheres e crianças que são gritando: "Nosso Senhor! Livrai-nos desta terra cujo povo é oprimido e enviam para nós, para fora de Sua graça, um protetor, e nos envia um que nos ajude" (Al-qur'ân 4: 74-75)

Essa passagem oferece uma recompensa à todos aqueles que engajam em lutas em nome de Deus. No entanto, a passagem tem causado diferentes teorias pelos muçulmanos no que diz respeito ao significado de luta e quando ela é apropriada. *Jihad* pode ser interpretada como uma chamada para uma obra missionária e a conversão pacífica dos não-crentes. Todavia, pode também ser interpretada como o comando para o engajamento em uma violenta guerra contra todos os não-crentes. O entendimento de Qutb sobre o tema se utiliza das duas perspectivas combinando-as.

Pelo fato de acreditar que sociedades não muçulmanas são opressoras, Qutb acredita que a *jihad* é uma “declaração universal de liberdade do homem da escravidão e para seus próprios desejos” (QUTB, 1964). A *jihad* age como uma transformadora entre a *jahiliyyah* e o islã, rejeitando a escravidão existente e proclamando a liberdade que o homem tem direito. Qutb exclama que a *jihad* deve ser engajada universalmente sem distinções de gênero ou raça pois todos os homens têm esse direito pela liberdade que emana do divino.

Qutb prescreve dois métodos de *jihad* contra as instituições *jahili* são a pregação e "movimento". A pregação é o processo de travar uma guerra de ideias sobre o plano filosófico, é a não-violenta promoção de crenças islâmicas através de discursos público, demonstrações de fé e trabalho missionário. Pregar pode ser usado em pequenas formas,

tais como a tentativa de converter os amigos ou outros indivíduos ao Islã. Qualquer tentativa de dismantelar instituições *jahili* atacando as ideias por trás delas constitui o método de pregação da *jihad*. A pregação é essencial para a *jihad*, pois fornece justificção ideológica. Sem uma guerra de ideias, a *jihad* seria a violência sem fundamento.

Por outro lado, a pregação por si só não é suficiente, porque "Aqueles que usurparam a autoridade de Deus estão oprimindo as criaturas criadas por Ele, não irão ceder seus poderes apenas com a pregação" (QUTB, 1964). Junto com as missões, a *jihad* deverá engajar o movimento, sendo este definido como o método que ela utiliza para suprimir os obstáculos materiais. É a guerra das ideias colocadas em ação; então, movimento é o engajamento bélico contra as instituições e representantes da *jahili* segundo estudiosos do qutbismo (CALVERT, 2010). Embora ele saiba que o movimento exige violência, Qutb reluta em chamá-lo assim e até mesmo de incluir o caráter bélico na sua definição. Em vez de violência, Qutb vê o movimento como a consequência necessária da pregação.

No entanto, apesar de escrever sobre o significado da *jihad* para o islã, Qutb não descreve quais os meios que devem ser tomados para atingir o objetivo. Ele acreditava na importância de adaptar as mudanças sociais e modificar os pilares das sociedades em volta do islã. Acredita-se que Qutb manteve tal assertiva intencionalmente, pois ele previa a emergência de uma vanguarda que usaria o seu livro como guia enquanto "marchariam pelo vasto oceano da *jahiliyyah* que engloba todo o mundo" (QUTB, 1964).

Por fim, Qutb crê que o objetivo final da *jihad* é o da criação de uma sociedade muçulmana, numa forma de restauração dos antigos pressupostos esquecidos pelo avanço ideológico ocidental. Este renascimento visa restaurar a sociedade à intenção original divina. Deus criou a sociedade para adorá-lo como seu soberano e seguir Sua orientação em submissão total.

2.3 - Califado Islâmico

Usando os ensinamentos e pressupostos deixados por Qutb, a organização mais evidente da quarta onda, al-Qa'ida, moldou um ambicioso plano de reconquista e estabelecimento da sociedade islâmica da qual Qutb acreditava ser a ideal para os seguidores do islã. O objetivo máximo do grupo foi retratado no livro do jornalista jordaniano, Fouad Hussein, escrito durante o tempo em que passou na prisão junto com

importantes membros da organização. Em *Al-Zarqawi: A segunda geração da al-Qa'ida*, Hussein relata o plano para a criação de um Califado Islâmico, por meio da total expulsão da cultura oriental e unindo todos os povos islâmico em um governo único sob as leis da *sharī‘ah*.

Tal plano não é uma ideia tão nova quanto a mídia atual vem demonstrando, o grupo político libanês pan-islâmico, Hizb ut-Tahrir já tratava do assunto bem antes da formação do grupo fundado por bin Laden. Para os seis membros, o estabelecimento desse califado traria estabilidade e segurança para os povos muçulmanos, bem como para os não muçulmanos. Os estudos em relação ao assunto foram tão profundos que até mesmo um esboço de uma constituição foi emitido para popularizar a ideia. O grupo promove suas ideias de forma pacífica e acredita que a agressão e a *jihad* deturpada, não condizem com os preceitos muçulmanos dos quais defendem (GRABOWSKI, 2003). O antagonismo entre os dois grupos retrata a popularidade que ambos detêm, onde um é fonte de notícias diárias e o outro praticamente não é conhecido.

Apesar de não tratar de um tema novo, a al-Qa'ida, promove uma sistemática batalha revisionista do *status quo* da região para possibilitar o estabelecimento do objetivo máximo do grupo. O livro de Hussein revela que sete fases eram necessárias para que o objetivo fosse cumprido.

A primeira fase intitulada “despertar” foi iniciada entre os anos 2000 e 2003, mais precisamente nos ataques de 11 de Setembro e na queda de Bagdá em 2003. O objetivo da primeira fase era de provocar o mundo ocidental, precisamente os EUA e despertar os muçulmanos para a luta que estaria por vir. A segunda fase chamada de “abrindo os olhos” iniciara por volta de 2004 e durou até 2006. Nela, a al-Qa'ida passaria de um grupo para um movimento, mais abrangente e idealizando jovens e simpatizantes pela causa. Na terceira, “aparecimento”, duraria entre 2007 e 2010 e teria como foco a Síria, vizinho do Iraque e teria como objetivo o fortalecimento global do grupo. Na fase seguinte, entre 2010 e 2013, Hussein escreve que o grupo focaria na retirada dos governos muçulmanos opressores e tiranos acreditando que a derrota desses regimes alavancaria as forças da organização. Entre 2013 e 2016, Hussein relata que o califado seria declarado. A influência ocidental no mundo islâmico estaria tão enfraquecida que a resistência não seria temida. “A al-Qa'ida espera que até esse momento, o Estado Islâmico será capaz de estabelecer uma nova ordem mundial” (HUSSEIN, 2005). Na penúltima fase, Hussein

escreve que a partir de 2016, um confronto total seria estabelecido entre o novo Estado Islâmico e as forças ocidentais que se formarão para combatê-lo, no entanto, o plano não seria apenas na região do califado e se espalharia entre os fiéis e os infiéis como tanto defendeu bin Laden (HUSSEIN, 2005). Por último, a vitória definitiva viria e Hussein escreve que aos olhos dos terroristas, o sucesso de 1,5 bilhões de muçulmanos seria inquestionável. A fase deveria ser completa em 2020 e a guerra não duraria mais que dois anos.

Apesar de não fazer parte do *modus operandi* das organizações terroristas, criar um planejamento e segui-lo passo a passo, observa-se que alguns deles realmente aconteceram e estão acontecendo no cenário da região. A Guerra Civil na Síria, a Primavera Árabe e a proclamação do Estado Islâmico, de fato ocorreram na região. Todavia, esse último não foi obra da al-Qa'ida em si, mas de um braço do grupo que se tornaria independente depois do *hiatus* no qual o grupo se deparou com as mortes de al-Zarqawi em 2006 e de bin Laden em 2011. Esse grupo, acredita que a mudança do *status quo* da região deverá se dar de forma paulatina, enfraquecendo as forças opositoras e se intitulou Estado Islâmico do Iraque e do Levante, reivindicando boa parte do norte do Iraque e nordeste da Síria num engajamento assimétrico jamais visto desde do início da Guerra ao Terror (WRIGHT, 2006).

Segundo Pedro Costa Júnior (2014), “ao contrário da al-Qa'ida, que trabalha de forma transnacional e por meio da comunicação de várias células em diferentes países, o Estado Islâmico tem uma visão geopolítica”. Para o autor, “isto significa ocupar um território e transformá-lo em seu”. Esta é justamente a “visão geopolítica” que dá ao grupo a possibilidade de diferenciar suas fontes de sustento, pois assim eles podem saquear bancos, estruturar pedágios e cobrar impostos da população, e inclusive aproveitar dos campos de petróleo na Síria e no Iraque. Isso é algo que outras organizações, como a próprio al-Qa'ida, não conseguiu fazer de forma sistemática.

Desde de sua proclamação em Abril de 2013, o grupo vem entoando sucessivas vitórias dentro do conflito sírio. Unindo-se aos insurgentes sunitas iraquianos, o EIIL dominara uma região de cerca de mais de 200 mil quilômetros quadrados, maior que o território da Grã-Bretanha, compreendendo também uma população de cerca de 6 milhões de habitantes, as proporções do grupo chegaram à um ponto alarmante dentro da

comunidade internacional e a forma abrupta que ocorreu, pegou de surpresa as nações ocidentais.

O controle praticamente total das regiões povoadas e ricas em petróleo do norte do Iraque, deu ao EIIL condições econômicas de financiar seus planos. A tomada de Mosul, segunda maior do Iraque, conquistada de forma audaciosa, mostrou que desta vez não se trata mais de um grupo trabalhando em células ou com homens em caminhonetes carregando metralhadoras e enfrentando as forças locais, o EIIL mostra-se com um poderio bélico de um país soberano, chegando até a contar com uma pequena frota de aviões usurpados da Síria. Até então o único grupo terrorista que se tem registro de já ter possuído tal aparato foram os Tigres Tâmeis que do mesmo modo, apreenderam caças da aeronáutica do Sri Lanka e com a ajuda de pilotos sequestrados, aprenderam a manusear os equipamentos (MacASKILL, 2014). Após a dramática vitória o grupo mudou de nome para Estado Islâmico, proclamando o califado liderado por Abu Bakr al-Baghdadi, ou Califa Ibrahim (WITHNALL, 2014).

Pouco se sabe sobre a trajetória de al-Baghdadi até ele se transformar na figura suprema da organização. Nascido Ibrahim Awad Ibrahim al-Badri em uma família de pastores, o líder do Estado Islâmico viveu sua infância na cidade reduto sunita de Samarra ao norte de Bagdad. Na juventude, al-Baghdadi mudou para a capital para seus estudos superiores, obtendo um PhD da Universidade de Bagdad em estudos do Islã. Nos anos seguintes, dedicou-se às interpretações do salafismo, wahabismo e qutbismo a fim de melhor compreender a filosofia islâmica e suas respostas para o que acontecia em sua terra natal, invadida por forças ocidentais. Em 2005 ele é preso e levado para o Campo Bucca em Basra por suposto envolvimento nas forças guerrilheiras que lutavam contra o exército americano. Alguns meses depois ele foi libertado e não há mais relatos oficiais do governo americano sobre o paradeiro de al-Baghdadi nos anos seguintes. Até que os desdobramentos na célula iraquiana da al-Qa'ida o levaram ao posto antes ocupado por Zarqawi. (SHERLOCK, 2014)

Ele ganhou o respeito o suficiente que em 2010, depois de vários líderes do grupo rebelde al-Qa'ida no Iraque foram mortos, ele assumiu o controle absoluto do mesmo. Naquele tempo, o poder da militância islâmica no Iraque estava em seu ponto mais baixo, e o número de assassinatos tinha mergulhado. A rebelião sunita, que certa encabeçou os insurgentes no Iraque, estava à beira do colapso. Mas, então a Guerra Civil na Síria

aconteceu. O conflito, que deixou um vácuo de autoridade em grandes regiões do país, alimentou um ressurgimento do grupo. A revolta deu origem ao Estado Islâmico. Ao longo dos anos seguintes, cerca de 12 mil militantes islâmicos – 3 mil dos quais eram de países ocidentais - reuniram-se na região para lutar. A ascensão do EI sob sua administração tem sido menos sobre um culto de personalidade do que uma "ideologia transnacional." Isso ficou especialmente claro após Baghdadi arrematar a liderança da al-Qaeda em junho de 2013. "Eu escolhi o comando do Deus sobre o comando que executa contra ele na carta ", disse Baghdadi ao líder da al- Qa'ida Ayman al-Zawahiri, que havia tentado trazer o comandante desonestos de volta na linha (McCOY, 2014).

De forma rápida e organizada, o grupo tomou, expulsou e assassinou todos os revoltosos das regiões que atacaram. Em fotos de jornais, pode-se ver bandeiras do EI tremulando no lugar onde antes bandeiras da Síria ou Iraque ficavam. Organizando o sistema de coleta de impostos, as regras públicas e até mesmo os currículos escolares, os terroristas modificavam toda a região uma vez dominada por forças americanas, conquistada após intensas batalhas e a perda de diversos soldados.

Desde a retirada das forças americanas em 2011, o Iraque passou por sucessivas e profundas instabilidades. Segundo o renomado jornalista irlandês Patrick Cockburn, em seu livro *The Jihadis Return*, a corrupção do governo e do exército iraquiano, foram as perversas fontes para a incapacidade de enfrentar o levante do Estado Islâmico (COCKBURN, 2014). O governo xiita do primeiro ministro Malik, favorecera essa parte da população oprimida por anos por Saddam Hussein, alimentando a incitação dos dissidentes sunitas que se aliariam aos membros do EI. A falta de resiliência do governo iraquiano e a falta de ações dos americanos em coibir tais políticas, são para Cockburn erros grotescos cometidos pelos seus líderes (COCKBURN, 2014).

Aliado ao governo, o exército iraquiano é assolado por corrupção em todos os níveis hierárquicos, causando com que este seja ineficiente a mais uma vez, uma das razões pela engenhosa expansão do EI ter sido realizada de forma simples e eficaz. A resistência do exército iraquiano foi tão mal coordenada, que Mosul foi conquistada em 3 semanas. Desde 2003 com a invasão americana, o exército não era mais o mesmo, o sentimento figural nacionalista que movia as forças armadas se apagava com os constantes desentendimentos religiosos entre os próprios iraquianos e membros do alto escalão, esse

talvez tenha sido o motivo principal pelo qual tal situação ele se encontra (COCKBURN, 2014).

No nível político, Haider al-Abadi foi empossado como primeiro-ministro do Iraque, em lugar de Nouri al-Maliki, aumentando as esperanças de que um governo mais inclusivo poderia ser formado. Esperava-se que isso ajudaria a convencer os clãs sunitas para acabar com o seu apoio para EI, anulando assim um elemento importante do poder do grupo. No nível mais amplo, as relações entre Estados Unidos e Irã continuou a melhorar, causando algum mal-estar nos Estados do Golfo, especialmente Arábia Saudita, mas também permitindo que as operações dos EUA no Iraque continuassem mesmo com o Irã fornecendo inteligência e ajuda militar especializada para as forças armadas iraquianas (ROGERS, 2014). Até certo ponto, os dois Estados estavam trabalhando em paralelo, se não em cooperação

Uma visão radical do Islã, e da necessidade de purificar a maioria sunita, não pode estar na vanguarda do pensamento desses paramilitares experientes, mas eles apresentam amargura para com os Estados Unidos e seus aliados, incluindo os da região, e também para o governo de maioria shi'a do Iraque e seus laços estreitos com Teerã. Isso não deve obscurecer o fato de que a liderança do EI, e muitos daqueles perto da liderança, têm uma perspectiva religiosa extrema que é profundamente escatológica, olhando para além da vida terrena na tentativa de estabelecer um novo califado espalhando para fora do Iraque e da Síria - um processo a ser medido em muitas décadas, se não séculos (ROGERS, 2014).

Em meio a escalada do EI, o governo americano autorizou bombardeios aéreos em áreas estratégicas do grupo no norte do Iraque. Em Agosto de 2014 caças americanos começaram a sistematicamente atacar diversos pontos do EI, sobretudo aos arredores de Erbil, capital do Curdistão iraquiano, onde os EUA mantêm uma missão diplomática. Os bombardeios, segundo Obama iriam se concentrar apenas no Iraque, cabendo ao território sírio anexado, ao próprio governo local que enfrenta diversas frentes de batalha contra o EI e os rebeldes de outros grupos locais. Nas semanas seguintes, a coalizão formada por EUA, Reino Unido e França moveram seus caças e mísseis para regiões do nordeste sírio, mais precisamente próximos à cidade de al-Raqqa onde o EI proclamara como capital do califado. Apesar dos intensos esforços, poucos resultados foram publicados e a comunidade internacional questiona se essa é a, realmente, a tática mais eficiente para

combater um grupo com um contingente de cerca de 200 mil homens, de acordo com o Centro de Inteligência Curdo. Segundo Paul Rogers, há uma eminência chance de que tropas terrestres sejam despachadas ao local para conter o avanço do grupo. Uma das provas disso foi a renúncia do então secretário de defesa estadunidense Chuck Hagel, As tensões com altos assessores da Casa Branca, em particular sobre a estratégia para combater o EI e em relação à Síria, provocaram a saída de Hagel, um ex-senador republicano. Hagel estava ao lado de Obama e do vice-presidente Joseph Biden na audiência na Casa Branca. Para os comentaristas políticos americanos, será possível a substituição dele por um membro do alto escalão das forças armadas americanas para pressionar o governo a entrar em guerra de fato com o grupo.

Paul Rogers em uma de suas análises sobre o advento do Estado Islâmico afirma que:

A realidade do Estado Islâmico é muito diferente de seu autorretrato. O progresso que tem feito desde meados de 2014 deveu-se muito ao amplamente secular ba'athismo de Saddam Hussein e [...] o odiado governo iraquiano e os Estados Unidos. A narrativa faz ressoar, no entanto, com uma pequena minoria de jovens muçulmanos para quem Estado Islâmico responde um desejo ainda mais sedutor do que a al-Qa'ida após 11/9. O fato de que o EI criou uma entidade territorial, uma manifestação física do prometido califado, acrescenta à sua aura. (ROGERS, 2014)

A narrativa não é fácil para os analistas ocidentais compreenderem, especialmente dada a brutalidade de muitos de operações do movimento (ROGERS, 2014). Mas está sendo trabalhada e desenvolvida implacavelmente, propagando a causa cada vez mais e utilizando as mídias sociais amplamente utilizadas no mundo. O grupo também é amplamente ajudado com as ações do governo israelense de Benjamin Netanyahu, e suas políticas contra os povos muçulmanos da Palestina, como a recente guerra em Gaza onde mais de 2 mil pessoas perderem suas vidas, segundo o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários. Essas atitudes dos países ocidentais e seus

aliados, alimentam o sentimento dos terroristas de entrar em conflito direto, remontando ao que Fouad Hussein elencou em seu texto supracitado.

A crescente do Estado Islâmico ainda está longe de ser resolvida e os líderes mundiais demonstram pouca preocupação com a situação atual da região. Apenas os EUA iniciaram planos de conter e eliminar o grupo, todavia, um esforço conjunto e complexo se faz necessário, de acordo com Cockburn em seu livro. Para ele, os países do Médio Oriente vêm fomentando terroristas e a agenda sunita contra a minoria xiita. Esse cenário *sui generis* que se emerge na região, vai além dos seus protagonistas, chegando ao Conselho de Segurança da ONU, onde Rússia e Síria, aliados ao líder sírio Bashar al-Assad, dificultam um consenso capaz de gerar a previsibilidade de avanço na contenção do EI. Turquia, Arábia Saudita, Qatar e Irã, também, na visão de Cockburn, têm papel fundamental no desenvolvimento de um contra ataque e o reestabelecimento da região. Enquanto a falta de debate e consenso paira as agendas desses países, o Estado Islâmico chega cada vez mais perto do seu objetivo herdado por Al-Zarqawi, bin Laden e companhia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O terrorismo fundamentalista islâmico, emanado na quarta onda de Rapoport (2004) é o inimigo atual do ornamento de Estados do cenário internacional. A dotação de baixa previsibilidade e a forma como as organizações terroristas vêm atuando ao longo das últimas décadas, demonstram essa assertiva e colocam à prova, não somente as questões realistas de segurança nacional, mas a interdependência complexa na qual os países estão inseridos.

Até a ascensão do Estado Islâmico, os diversos grupos atuantes nessa onda, possuíam células em diversos países em praticamente todos os continentes, tornando difícil a dissolução deles. Somente após o 11/9 que o terrorismo tornou-se agenda internacional de diversos países além dos que já lidavam com o assunto de forma mais frequente. Leis, planejamentos e políticas contra terrorista, fazem parte do ornamento de diversas nações atualmente.

Os engajamentos do EI demonstram a seriedade e o alto grau de complexidade que o sistema internacional terá que lidar. De acordo com os pressupostos supracitados, a organização tem pretensões muito maiores que as que demonstrou nesses últimos meses no Levante. Em meio a isso, as demais nações observam a situação sem tomar medidas mais eficazes. Os bombardeios aéreos pela coalizão encabeçada pelos EUA demonstrou pouca eficiência e a secretaria de defesa passa por um momento de *hiatus* com a renúncia do seu secretário.

Conclui-se que ao longo da era moderna pós-revolução industrial, o terrorismo tornou-se uma ameaça a governos locais e foi evoluindo ao longo dos anos até tomar proporções supranacionais. Durante esse período a academia buscou compreender e definir o tema, no entanto pelas mutações que ele passou e continua a passar. As quatro ondas do terrorismo de Rapoport demonstraram esse desenvolvimento e o status que deparamos presentemente.

Segundo Rapoport (2004), existem quatro formas distintas de se entender e classificar o terrorismo, onde o neologismo sobre ondas (idas e vindas, ascensão e declínio) para ajudar a entender como o terrorismo funciona.

A Primeira Onda, Anarquia, foi identificada durante o Império Russo entre 1880 e 1920, o objetivo era a desconstrução da Velha Rússia, tendo como embasamento ideias revolucionárias político-socialistas.

A Segunda Onda, iniciou logo após ao término da Primeira Guerra Mundial e foi marcada por características de nacionalismo, luta pela descolonização através de guerrilhas.

A Terceira Onda teve seu auge de 1960 e 1980, período onde ocorreu a Guerra Fria. As características principais deste período são: ataque a homens do Estado, assaltos, sequestros e ataques com bombas. Estas ações eram justificadas como justas pelas ideologias das organizações que atuavam na época (Organização para Libertação da Palestina, Pátria Basca e Liberdade, entre outras). Houveram dois episódios marcantes neste período: o massacre de atletas israelenses nas Olimpíadas de Munique (1972) pela organização Setembro Negro e o sequestro e assassinato do primeiro ministro italiano Aldo Moro (1978).

Rapoport (2004), acredita a Quarta Onda emergiu depois da vitória da Revolução Islâmica no Irã, invasão do Afeganistão pela URSS e com o fim da Guerra Fria. Estes eventos estimularam a criação de organizações ainda mais radicais, a exemplo dos jihadistas que redefiniram os objetivos através de um alicerce fundamentalista, a presença de homens bombas, táticas radicais de recrutamento e ataques fatais. É também apelidada de “Onda Religiosa”, devido ao cunho religioso das organizações.

Comparando os eventos que sucederam e embasaram a definição de ondas por Rapoport (2004), podemos dizer que somos contemporâneos do surgimento de uma Quinta Onda, haja vista que o Estado Islâmico.

Apesar do difícil consenso entre os escolares, fica claro que a violência para ganhos políticos ou revisionismo do *status quo* é uma das assertivas mais amplamente aceita, não somente no meio acadêmico, mas também no âmbito da sociedade vítima dos grupos.

O construtivismo, como visto no texto, mostra-se como a teoria melhor aceita para a explicação do terrorismo, uma vez que permeia e insere dentro do campo de estudo, atores não estatais e a construção desses dentro das relações internacionais. Alexander Wendt, precursor dessa escola, deixou o legado para a possibilidade de conexão entre a

academia e os grupos terroristas que coincidentemente a floraram na época em que a teoria foi apresentada.

O fortalecimento desses atores não estatais, foi fruto de algumas decisões desastrosas por meio das potências globais, como a divisão do Império Otomano após a Primeira Grande Guerra, que colocou dentro de um mesmo território, tribos e clãs rivais, bem como sentimento revoltoso de algumas camadas da sociedade perante o tratamento dos países ocidentais em suas políticas. Essas insatisfações que deram a amplitude ao terrorismo moderno, onde os adeptos não somente almejam causar pânico nas populações inimigas, mas desejam autonomia ao povo muçulmano para viverem de acordo com a sua religião.

A falta de resiliência da comunidade internacional para resolução dos impasses existentes, principalmente com o mundo árabe, deixa cada vez mais remota a possibilidade de um fim da quarta onda. Os interesses em matrizes energéticas que fomentam as economias das monarquias e repúblicas seculares que compõem o núcleo dos grupos, contribuem cada vez mais na insatisfação popular e o ingresso no terrorismo como alternativa revisionista da situação ao qual estão subjugados.

É certo que a ameaça dos grupos fundamentalistas islâmicos se tornou a maior intimidação ao ornamento de Estados atual. Os desdobramentos explicados durante esta monografia demonstram que se faz necessária uma maior disposição dos Estados para resolução dessa grave questão que permeia não somente o Médio Oriente, mas as demais nações, visto que além da proclamação do Califado, o Estado Islâmico visa a expansão da *jihād* para os demais países que vão de encontro com sua ideologia. A onda terrorista está longe de uma resolução final incluindo todos os Estados na esfera de possíveis alvos de ataques.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIAR, Shapour, **Tale of Deadly Iranian Network Woven in Paris**, Los Angeles Times. Disponível em < http://articles.latimes.com/1994-11-03/news/mn-58301_1_iranian-agents> Acesso 05 de mar. de 2016.

BARNIDGE, Robert P. **Non-State Actors and Terrorism: Applying the Law of State Responsibility and the Due Diligence Principle**. [S.l.]: T.M.C. Asser Press, 250p., 2008.

BBC NEWS. **Colonel Gaddafi 'ordered Lockerbie bombing**, Disponível em < <http://www.bbc.com/news/uk-scotland-south-scotland-12552587>> Acesso em 05 de mar. de 2016.

BERGEN, Peter. **The Longest War: The Enduring Conflict between America and Al-Qaeda**. Free Press, New York, 2011. 496 p.

BOBBIO, Norberto. **Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos**. Brasil,: Elsevier Editora, 2000. 720 p.

BROWN, Jennifer. **12 shot dead, 58 wounded in Aurora movie theater during Batman premier**, The Denver Post. Disponível em <<http://www.denverpost.com/2012/07/20/12-shot-dead-58-wounded-in-aurora-movie-theater-during-batman-premier/>> Acesso em 05 de mar. de 2016.

CALVERT, John. **Sayyid Qutb and the Origins of Radical Islamism**. India: Columbia University Press, 2010. 256 p.

CLEVELAND, William L. **A History of the Modern Middle East**. 4º edição. Boulder: Westview Press, 2009. 641 p. Disponível em: < <http://islamicblessings.com/upload/A-History-of-the-Modern-Middle-East.pdf>> Acesso em 05 de mar. de 2016.

COCKBURN, Patrick. **The Jihadis Return: ISIS and the new sunni uprising**. [S.l.]: OR Books, 2014. 144 p.

CONTEH-MORGAN, Earl. **Collective Political Violence: an introduction to the theories and cases of violent conflicts**. New York: Routledge, 2004. 333 p.

COSTA JUNIOR, Pedro. **Como, afinal, o Estado Islâmico financia as suas atividades**, Revista Exame, Disponível em < <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/como-afinal-o-estado-islamico-financia-as-suas-atividades>> Acesso em 05 de mar. de 2016.

COUGHLIN, Con. **Khomeini's Ghost**, [S.l.] [s.n.],2009.

CRWNSHAW, Martha. **How terrorists think: Psychological contributions to understanding terrorism**, [S.l.] [s.n.],1992.

DURNEY, James. **The Volunteer: Uniforms, Weapons and History of the Irish Republican Army 1913-1997**. [S.l.]: Gaul House,2004. 87 p.

ESPOSITO, John. **Woman in Muslim family Law**. 2º ed. Syracuse University Press, 2001. 195 p. (Contemporary issues in the Middle East).

FOWLER, William Warner. **Terrorism DataBases: A Comparison of Missions, Methods and Systems**. Santa Monica: The Rand Corporation, 1981. 50 p. Disponível em < <https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/notes/2005/N1503.pdf>> Acesso em 05 de mar. de 2016.

GRABOWSKI, Wojciech. **Hizb ut Tahrir – between violence and politics**, [S.l.] [s.n.],2003.

GREER, Donald, **The Incidence of the Terror during the French Revolution : A Statistical Interpretation**. 8º ed. [S.l.]: Harvard University Press, 1935. 196 p.

HOFFMANN, Bruce. **Inside Terrorism**. New York: Columbia University Press, 2006. 456 p.

HORGAN, J.; TAYLOR, M. **The making of a terrorist**, [S.l.] [s.n.],2001.

HORWITZ, Sari. **Police say Colorado shooting suspect James Holmes had 2 pistols, assault rifle, shotgun**. The Washington Post. Disponível em < https://www.washingtonpost.com/colorado-shooter-identified-as-james-holmes-24/2012/07/20/gJQAWkdrxW_story.html> Acesso em 05 de mar. de 2016.

HOWARD, Lawrence. **Terrorism: Roots, impact, responses**. [S.l.] Praeger, 1992.

HUSSEIN, Fouad. **Al-Zarqawi: The Second Generation of Al Qaeda**. [S.l.] [s.n.], 2005.

JENKINS, Brian. **The Study of Terrorism: definitional problems**. Santa Monica: RAND, 1980. 16 p. Disponível em <<https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/papers/2006/P6563.pdf>> Acesso em 10 de maio de 2016.

KELLNER, Douglas. **9/11, Spectacles of Terror and Media Manipulation: A critique of Jihadist and Bush Media Politics**, UCLA, 2003. Disponível em <<https://pages.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/essays/911terrorspectaclemedia.pdf>> Acesso em 10 de maio de 2016.

KRISHNASWAMY, Janani. **How does terrorism lend itself to constructivist understanding**, King's College, 2012. Disponível em < <http://www.e-ir.info/2012/09/18/how-does-terrorism-lend-itself-to-constructivist-understanding/>> Acesso em 10 de maio de 2016.

Letter to the New York Times: New Palestine Party Visit of Menachem Begin and Aims of Political Movement Discussed, 1948

LUCKABAUGH, R. Terrorist Behavior and United States Foreign Policy: Who Is the Enemy? Some Psychological and Political Perspectives, 1992.

MacASKILL, Ewen. **Islamic State training pilots to fly MiG fighter planes, says monitoring group**, The Guardian. Disponível em < <https://www.theguardian.com/world/2014/oct/17/islamic-state-training-pilots-mig-planes-syria>> Acesso em 10 de maio de 2016.

MCCOY Terrence. **How ISIS leader Abu Bakr al-Baghdadi became the world's most powerful jihadist leader**, The Washington Post. Disponível em < <https://www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2014/06/11/how-isis-leader-abu-bakr-al-baghdadi-became-the-worlds-most-powerful-jihadi-leader/>> Acesso em 10 de maio de 2016.

McDONALD, Matt. **Security Studies: an Introduction**. 2nd ed. [S.l.]: Routledge, 2012. 656 p.

MELGUNOV, Sergei Petrovich, **The Red Terror in Russia**, [S.l.] [s.n.], 1975. Disponível em < <http://www.paulbogdanor.com/left/soviet/redterrorinrussia.pdf>> Acesso em 10 de maio de 2016.

MERSHEIMER, John J. **Tragedy of Great Power Politics**. [S.l.]: W. W. Norton & Company, 2014. 592 p.

MORAVCSIK, Andrew. **Liberal International Relations Theory: A Social Scientific Assessment**, Princeton Press. Disponível em < <https://www.princeton.edu/~amoravcs/library/liberalism.pdf>> Acesso em 15 de maio de 2016.

O'NEILL, Bard E. **Insurgency & Terrorism: Inside Modern Revolutionary Warfare**. Virginia: Potomac Books, 2001. 182 p.

PAPE, Robert. **Tamil Tigers: Suicide Bombing Innovators**, NPR. Disponível em < <http://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=104391493>> Acesso em 15 de maio de 2016.

PERVILLÉ, Guy. **Pour une histoire de la guerre d'Algérie**. Paris: Picard, 2002. 356 p.

QUTB, Sayyid. **Milestones**. [S.l.]: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2005. 124 p.

RAINER, Hulsse; SPENCER, Alexander. **The Metaphor of Terror: Terrorism Studies and the Constructivist Turn**. Security Dialogue, 2008.

RAPOPORT, David C. **The Four Waves of Modern Terrorism**, UCLA International Institute, 2004. Disponível em < <http://international.ucla.edu/media/files/Rapoport-Four-Waves-of-Modern-Terrorism.pdf>> Acesso em 15 de maio de 2016.

RAUCHWAY, Eric. **Murdering McKinley: The Making of Theodore Roosevelt's America**. New York: Hill and Wang, 2003. 272 p.

ROGERS, Paul . **Islamic state vs its far enemy**. Open Democracy: free thinking for the world. Disponível em < <https://www.opendemocracy.net/paul-rogers/islamic-state-vs-its-far-enemy>> Acesso em 16 de maio de 2016.

ROGERS, Paul. **The Islamic State and its potential**. OxfordResearchGroup, 2014. Disponível em < <http://lab.isn.ethz.ch/service/streamtest.php?id=184425>>

SCHMID, Alex P (Org.). **The Routledge Handbook of Terrorism Research**. New York: Routledge, 2011. 736 p.

SCHMID, Alex P. **Revised Academic Consensus Definition of Terrorism**. Terrorism Analysts. Disponível em <
<http://www.terrorismanalysts.com/pt/index.php/pot/article/view/schmid-terrorism-definition/html>> Acesso em 16 de maio de 2016.

SEYMOUR, Gerald. **Harry's Game**. [S.l.]: Random House, 1975. 384 p.

SHERLOCK, Ruth. **How a talented footballer became world's most wanted man, Abu Bakr al-Baghdadi**, The Telegraph. Disponível em <
<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/iraq/10948846/How-a-talented-footballer-became-worlds-most-wanted-man-Abu-Bakr-al-Baghdadi.html>>
Acesso em 16 de maio de 2016.

SLOAN, Stephen. **Terrorism and Assymetry**, [S.l]: [s.n] 1998. Disponível em
<http://kms2.isn.ethz.ch> Acesso em 16 de maio de 2016.

SPIRTAS, Michael. **A House Divided: Tragedy and Evil in Realist Theory**. [S.l]: [s.n] 1996. Disponível em
<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09636419608429284?journalCode=fsst20>
Acesso em 16 de maio de 2016.

STEPLE, Craig. **Terrorism's: Unsanswered Questions**. Londres: Praeger Security International, 2010. 252 p.

The Washington Post, **Tending to Sri Lanka**. Disponível <
<http://www.washingtontimes.com/news/2006/aug/19/20060819-095333-3607r/>> Acesso 16 de maio de 2016.

TUTHILL, Mary L. **The terrorism target the businessman**. The Rotatarian Magazine, 1981.

USA PATRIOT Act (U.S. H.R. 3162, Public Law 107-56), Title II, Sec. 216. Disponível em <
<https://www.sec.gov/about/offices/ocie/aml/patriotact2001.pdf>> Acesso em 16 de maio de 2016.

WEBER, Max. **Wirtschaft und Gesellschaft**. 5 ed. Tubingen: Mohr, 1980. 953 p.

WENDT, Alexander. **Anarchy is what States make of it: The Social Construction of Power Politics**, International Organization, Vol 46, N° 2, Spring, 1992. Pp. 391-425.

Disponível em < <https://ic.ucsc.edu/~rlipsch/Pol272/Wendt.Anarch.pdf>> Acesso em 16 de maio de 2016.

WITHNALL, Adam. **Iraq crisis: Isis declares its territories a new Islamic state with 'restoration of caliphate' in Middle East**, The Independent. Disponível em < <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/isis-declares-new-islamic-state-in-middle-east-with-abu-bakr-al-baghdadi-as-emir-removing-iraq-and-9571374.html>> Acesso em 16 de maio de 2016.

WRIGHT, Lawrence. **The Master Plan**, The New Yorker. Disponível em < <http://www.newyorker.com/magazine/2006/09/11/the-master-plan>> Acesso em 16 de maio de 2016..